Sobre a Natureza de uma Espiritualidade Pós-Metafísica
Resposta a Habermas e Weis

Ken Wilber

Tradução de Ari Raynsford (www.ariraynsford.com.br)

Revisão de Darcy Brega

A publicação de *Nachmetaphysisches Denken* (Pensamento Pós-Metafísico) de Jürgen Habermas e de um artigo de Hans-Willi Weis sobre o meu trabalho levaram várias pessoas na Alemanha a me abordarem com perguntas sobre minha reação a esses textos. O que segue é uma breve resposta a ambos.

As perguntas foram apresentadas por Edith Zundel e Frank Visser, entre outros. Simplesmente listei suas perguntas e minhas breves respostas. A Parte I lida com questões levantadas principalmente por Jürgen Habermas e a Parte II, por Weis.

Índice

Parte I: Habermas e Espiritualidade Pós-Metafísica – 1

Parte II: Hans-Willi Weis e Comentários Irônicos – 18

Apêndice 1: Sobre a Necessidade de uma Espiritualidade Crítica e Pós-Metafísica – 25

Esclarecimentos Adicionais – 29

Apêndice 2: A Natureza da Involução – 39

Parte I: Habermas e Espiritualidade Pós-Metafísica

Sr. Wilber, sua visão é evolucionária do começo ao fim.

Bem, sejamos cuidadosos. Minha visão foi resumida como "quadrantes, ondas, correntes, estados, tipos, eu" – e desses, apenas ondas e correntes (ou níveis e linhas) são essencialmente desenvolvíveis ou evolucionárias. As outras variáveis e dimensões não são. Por exemplo, estados de consciência normalmente não mostram desenvolvimento. E quando você está em um determinado estágio ou onda, os tipos nesse estágio não se desenvolvem. E o mais importante de tudo, o atemporal *Urgrund* não se desenvolve (embora seus aspectos manifestos em geral se desenvolvam). Minha abordagem inclui aspectos de desenvolvimento e evolução como parte do modelo integral, porque é isso que as evidências mostram no momento.

A doutrina científica da evolução é uma reconstrução do passado; qualquer visão da evolução futura é, por definição, especulativa. Em quais dados o senhor baseia suas ideias de evolução futura?

Minhas ideias sobre evolução futura são baseadas amplamente em uma ciência reconstrutiva e são preditivas apenas no âmbito dessa ciência. Ou seja, observamos indivíduos de hoje que se desenvolvem em estágios típicos que estão além da média e, com base na reconstrução do desenvolvimento desses indivíduos (a saber, seus próprios estágios mais altos alcançados), sugerimos que o desenvolvimento futuro mais elevado possa, em geral, ser semelhante em certos padrões profundos.

Eis um exemplo da ciência natural: digamos que sejamos "cientistas marcianos" observando a vida evoluindo na Terra. Vemos surgir quarks, depois átomos, depois moléculas. E então, em alguns casos raros, vemos moléculas se reunindo em células. Com base nessa observação empírica, concluímos que, se outras moléculas continuarem sua evolução, elas provavelmente formarão células. Esta NÃO é uma especulação metafísica, mas uma conclusão empírica baseada em uma ciência reconstrutiva.

Da mesma forma, no mundo de hoje, observamos aqueles indivíduos (as moléculas) que se desenvolvem para estágios mais elevados (as células) e prevemos, com base em pesquisas empíricas, que o desenvolvimento futuro provavelmente seguirá as tendências gerais. Mas essas tendências são um sistema aberto, baseado em realidades dos quatro quadrantes (intencional, comportamental, social e cultural),[1] e não podemos prever com certeza as formas reais e as características superficiais das realidades futuras, o que significa que o sistema permanece aberto de várias maneiras.

Diferentemente da Filosofia Perene, cuja maioria dos detalhes eu rejeito, acredito que os níveis de consciência são amplamente plásticos, e o "Grande Ninho" é, na verdade, apenas um vasto campo morfogenético de potenciais (ver *Psicologia Integral* para uma discussão sobre este conceito) e não um conjunto predeterminado de níveis através dos quais a humanidade deve marchar rigidamente a caminho de sua própria realização. No entanto, uma vez que um nível de consciência emerja em um número suficiente de

---

[1] Os "quatro quadrantes" referem-se às quatro dimensões de todas as ocasiões reais, a saber, intencional, comportamental, social e cultural. Ver *Sexo, Ecologia, Espiritualidade* para uma introdução a essa ideia.

pessoas, esse nível torna-se um padrão kósmico[2] para o desenvolvimento futuro e, portanto, transforma-se em um nível fixo, não no sentido platônico, mas no sentido descrito por Charles Peirce, a saber: um conjunto de hábitos kósmicos, hábitos que são sucessivamente repetidos em estágios de desenvolvimento subsequentes (assim como átomos e moléculas fazem parte de toda a evolução subsequente). Essa abordagem supera e rejeita um ponto de vista metafísico e o substitui por uma abordagem empírica, fenomenológica, experiencial e evidencial.

Nessas circunstâncias, uma ciência reconstrutiva do passado pode prever as características gerais de algumas formas futuras. Deixe-me dar um exemplo, usando os estágios da *Spiral Dynamics*[3]: quando a humanidade começou a evoluir, ela estava, em geral, no estágio bege (ou arcaico). Mas certos pioneiros evolucionários avançaram para o próximo estágio de desenvolvimento, o estágio roxo (ou mágico). Quando isto aconteceu, este estágio não estava predeterminado de maneira substancial. Pelo contrário, tudo o que o Grande Ninho proporcionava era um potencial para um funcionamento superior e mais complexo – um princípio de criatividade (de acordo com Whitehead) ou um princípio de Eros (Plotino), ou simplesmente uma possibilidade de sistemas auto-organizadores (como sustentam as atuais teorias da complexidade e do caos – o trabalho de Stuart Kaufman, por exemplo). Além do mais – e isto é muito importante no meu sistema – a forma real da onda roxa foi criada e moldada pelos quatro quadrantes (intencional, comportamental, social e cultural) operando naquela época. Nenhum desses itens estava predeterminado.

Agora, pulemos cem mil anos para a época, digamos, do Império Romano: a humanidade evoluiu do bege (arcaico) para o roxo (mágico) para o vermelho (mítico) para o azul (mítico-racional). Em cada caso de emergência evolucionária, os mesmos princípios estavam em ação: a saber, um princípio de criatividade ou auto-organização para um nível mais elevado de complexidade, cujas características reais não estavam predeterminadas e foram preenchidas pelos quatro quadrantes. Novamente, nenhuma dessas características particulares é determinada platonicamente, e a forma real de cada estágio principal – roxo, vermelho, azul etc. – poderia ter se revelado a partir de um número quase infinito de maneiras. Mas uma vez que a onda se desdobrou e assumiu sua forma manifesta, essa forma transformou-se em um hábito kósmico que passou a se

---

[2] Wilber apresenta a palavra *Kosmos* em sua obra-prima *Sexo, Ecologia, Espiritualidade* com a seguinte observação: "Os Pitagóricos introduziram a palavra *Kosmos* que, normalmente, traduzimos como 'cosmos'. Mas o significado original de Kosmos era a natureza de padrões ou de processos de todos os domínios da existência, da matéria para a matemática para o divino, e não simplesmente o universo físico, que é o significado usual das palavras 'cosmos' e 'universo' hoje... O Kosmos contém o cosmos (ou fisiosfera), bio (ou biosfera), noo (ou noosfera) e teo (teosfera ou domínio divino)..." (N. T.)

[3] *Spiral Dynamics* (Dinâmica da Espiral) é um modelo de desenvolvimento humano baseado no trabalho pioneiro de Clare Graves e formulado por Don Beck e Christopher Cowan ("Spiral Dynamics" é marca registrada do *National Values Center* de Denton, Texas, e é usada aqui com permissão). A Dinâmica da Espiral é uma ciência reconstrutiva do desenvolvimento que descobriu que os seres humanos passam por oito principais estágios ou ondas de desenvolvimento: bege (arcaico), roxo (mágico), vermelho (mítico), azul (mítico-racional), laranja (racional-egoico), verde (pluralista), amarelo (holístico) e turquesa (integral). Postula-se que estágios mais elevados estão emergindo neste momento. Ver *Psicologia Integral* para uma discussão crítica da Dinâmica da Espiral.

repetir onde quer que tenha surgido. Isto é bem semelhante, por exemplo, à teoria dos campos mórficos de Rupert Sheldrake.

O significado disso é que, por exemplo, uma pessoa nascida em uma cultura azul ainda nasce na estaca zero – nasce no bege e evolui para o roxo, para o vermelho e depois para o azul... Como nós sabemos disso? Somente por meio de extensa pesquisa empírica e fenomenológica sobre estágios de desenvolvimento (ver *Psicologia Integral*), que é, em si mesma, uma ciência reconstrutiva. Mas isso significa que, se encontrarmos hoje uma pessoa que está, digamos, no roxo, podemos prever que, se continuar seu desenvolvimento, ela se desenvolverá para o vermelho e depois para o azul, e essa previsão baseia-se, essencialmente, em uma ciência reconstrutiva do passado daquelas pessoas que se desenvolveram além do roxo. Não há absolutamente nada de metafísico neste fato – e os psicólogos do desenvolvimento fazem isto o tempo todo!

Entretanto, não podemos prever qual a forma real que o desenvolvimento assumirá em qualquer pessoa. Também não podemos dizer que forma a evolução de ponta tomará. Todas essas formas estão em aberto e fluidas – e serão moldadas pelos quatro quadrantes, que mudam constantemente em muitos aspectos. Portanto, qualquer desenvolvimento futuro será uma mistura de pelo menos esses cinco fatores: o potencial de desenvolvimento superior provido pelo Espírito (ou pelo Grande Ninho, ou por Eros, ou por auto-organização); intenções e desejos autônomos da pessoa; os padrões comportamentais reais da pessoa; sistemas e instituições sociais; valores culturais e significados compartilhados – tudo isso apresentando aspectos sempre abertos e livres (além dos muitos aspectos condicionados, determinados, cármicos e habituais).[4]

Do mesmo modo, a dimensão sutil não é um nível fixo, mas um grande reservatório de estágios futuros de desdobramento da consciência. É por isso que afirmo em *Sexo, Ecologia, Espiritualidade* que a vanguarda da evolução pode prosseguir, literalmente, para bilhões de mundos. Nenhum desses "níveis" futuros é fixo ou predeterminado.[5]

---

[4] O outro requisito fundamental é o de "transcender e incluir", no sentido de Whitehead. Ou seja, qualquer desenvolvimento futuro deve apreender (incluir) suas ocasiões passadas, bem como introduzir sua própria novidade (transcender). Isto é abordado nos Vinte Princípios (ver *Sexo, Ecologia, Espiritualidade*).

[5] Por exemplo, a vanguarda da evolução coletiva hoje está em torno do centauro maduro (turquesa). Imagine daqui a mil anos: talvez mais 10 níveis/estágios pudessem se cristalizar a partir da dimensão sutil de possibilidades quase infinitas. Esses níveis se tornariam hábitos kósmicos (ou hólons estáveis) que seriam reutilizados em todo o desenvolvimento subsequente além daquele ponto. A *Spiral Dynamics* da época descobriria que as pessoas passam por 18 grandes ondas de desenvolvimento. Não existe um "fim" para a evolução no mundo manifesto.

Entretanto, no que diz respeito à espiritualidade, observe que existem várias "constantes" que permanecem: em praticamente qualquer estágio de desenvolvimento, uma pessoa pode ter uma experiência de pico dos domínios denso, sutil ou causal (porque todo mundo acessa os estados de vigília, sonho e sono profundo [ver abaixo]), e isto, presumivelmente, continuará sendo verdadeiro daqui a mil anos. Da mesma forma, uma pessoa ainda teria acesso ao Eu ou Testemunha pura informe, que não muda porque é de fato sem forma (o domínio causal) – isto é, a experiência atual do Eu informe (ou absorção imanifesta, *Ayin*, *Urgrund* informe, *nirvikalpa samadhi*, etc.) pressupõe o entendimento de que esse estado atemporal, precisamente por ser atemporal e sem forma, está totalmente presente em todos os momentos (do mesmo modo que a "umidade" de um oceano está completamente presente em todas as suas ondas) e, portanto, SE

Mas uma vez que um determinado nível/estágio emerge na evolução, seu padrão profundo se torna um hábito kósmico, que é repetido onde quer que surja – atualmente, as ondas roxa, vermelha e azul são padrões que os seres humanos repetem em seu próprio desenvolvimento (como pesquisas transculturais têm demonstrado consistentemente[6]). Novamente, nada disso é metafísico; é inteiramente empírico, fenomenológico e experiencial, ocorrendo sob a esfera de ação de uma ciência reconstrutiva. A metafísica é uma abordagem que eu, específica e fortemente, repudio.

Esta pergunta talvez seja um pouco injusta, pois ninguém pode fazer tudo de uma vez. Em que sentido você vê seu sistema como útil para a prática meditativa? Às vezes, sinto que um viajante espiritual não só precisa de um bom mapa (como o que você produziu), mas também de uma espécie de guia do Planeta Solitário, que entre nos detalhes descritivos do território. O seu modelo de estágios também responde a perguntas como: o que acontece com os meditadores iniciantes, que provações os meditadores avançados precisam enfrentar?

A pergunta não é injusta; faz muito sentido. Mas talvez eu deva dizer que a maneira como trabalho é tentar fornecer o mapa mais genérico possível, porque os detalhes específicos só podem ser preenchidos pela prática concreta, normalmente com um guia experiente de uma tradição específica. O mesmo se aplica ao estudo do Zen, culinária, jardinagem, matemática ou corridas de automóveis. Seria tolice da minha parte tentar fornecer todos esses detalhes, quando a maioria deles é experiencial, não teórica.

Em vez disso, o que estou tentando fazer é o seguinte: se considerarmos todas as verdades que foram alcançadas – no Ocidente e no Oriente, nos tempos pré-modernos, modernos e pós-modernos – e as reunirmos, que sistema de pensamento consegue honrar, reconhecer e integrar o maior número de verdades e o maior número de tradições?

Acredito que o sistema integral que sugeri consiga honrar e incluir mais verdades de mais tradições e, portanto, é um sistema que pode oferecer às pessoas uma maneira melhor de abrir suas mentes e corações para a vasta gama do Kosmos – sua bondade,

---

essa experiência é verdadeira hoje, será verdadeira em todos os pontos do tempo no domínio manifesto. Assim, se o Eu informe existe hoje, existirá daqui a mil anos. Do mesmo modo, se for desvelada a união do Eu informe com toda a manifestação (a união da Vacuidade e da Forma), então ter-se-á acesso ao Não-dual sempre presente (*sahaj samadhi*, *turiyatita*, etc.). É claro que as Formas de manifestação que existirão daqui a mil anos serão amplamente diferentes, mas o estado de consciência da unidade sujeito-objeto será semelhante, pois é uma união do Informe imutável e atemporal com qualquer manifestação presente naquele momento. Em outras palavras, a existência sempre presente e atemporal da Testemunha informe e o aspecto sem forma do Não-dual permitem que uma pessoa, em praticamente qualquer estágio de desenvolvimento, encontre algum grau de realização e iluminação (pelo menos como um estado ou, posteriormente, como um estágio) – seja mil anos atrás, hoje ou daqui a mil anos. Esses aspectos atemporais, adimensionais e informes do Espírito, revelados por experiência direta no desenvolvimento contemplativo, parecem ser parte da graça sempre presente do Espírito...

[6] Ver *Psicologia Integral* e *O Olho do Espírito* para um resumo dessas pesquisas transculturais dos estágios de desenvolvimento.

sua beleza e suas inúmeras verdades.[7] Porém, para os detalhes, como sempre, devemos mergulhar nas realidades e particularidades concretas deste momento. Quando se trata de prática espiritual, isso significa estudar com um professor em quem você confia e trabalhar cuidadosamente sua própria salvação.

Como lidar com diferentes *backgrounds* culturais na interpretação de experiências meditativas (por exemplo, o debate entre *eu* versus *não eu* entre yogues e budistas)?

É exatamente por isso que precisamos de algo como os quatro quadrantes (ou a percepção de que todas as ocasiões reais têm dimensões intencionais, comportamentais, sociais e culturais como características intrínsecas de seu ser-no-mundo). Os "níveis" de consciência que agora estão disponíveis para os seres humanos não são dados de alguma forma predeterminada conforme o modelo platônico (ou hegeliano ou aurobindiano): são dados como formas e padrões potenciais (refletindo o gradiente de tensão evolutiva que é o Grande Ninho), e essas formas emergentes retiram sua essência e seu conteúdo dos padrões intencionais, comportamentais, sociais e culturais em operação naquele momento. Certas dessas características são consideradas universais (baseadas em uma cuidadosa ciência reconstrutiva), mas esses universais são simplesmente hábitos universais e não moldes inflexíveis e predeterminados (e eles possivelmente poderiam ter sido bem diferentes em um outro universo criado pelo mesmo Espírito, porque o "jogo" do Espírito envolve todos os quatro quadrantes).

Isso sugere que o significado específico (em qualquer contexto histórico-cultural considerado) é uma combinação de aspectos universais (ou transcendentes ao contexto) e de aspectos ligados ao contexto (uma visão semelhante à de Habermas, embora seu mapa de desenvolvimento não inclua os mais elevados estados e estágios de consciência pós-racionais, o que limita suas maravilhosas contribuições). Na minha opinião, os aspectos universais que encontramos nos esforços humanos provêm de pelo menos duas fontes: do potencial do Espírito como uma capacidade para criatividade ou autotranscendência (que, praticamente, permite qualquer pessoa transcender para estágios superiores; esse potencial universal para transcendência é o gradiente de potenciais ou do campo morfogenético conhecido como o Grande Ninho, embora nenhuma de suas formas superficiais seja predeterminada); e dos padrões profundos dos hábitos kósmicos que já foram estabelecidos pelo desenvolvimento passado (como vimos na *Spiral Dynamics*).[8]

---

[7] Ver o prefácio de Jack Crittenden em *O Olho do Espírito* para um resumo desse aspecto da minha abordagem integral.

[8] Para uma descrição mais completa da "ontologia universal", ver, na Parte II, a resposta à pergunta: "Se você nega todos esses aspectos metafísicos, então qual é a sua ontologia?" A resposta envolve essas realidades que acredito serem universais.

Mas, novamente, esses universais não são princípios metafísicos meramente postulados *a priori* pelo intelecto, nem são deduzidos *a priori* por um tipo de crítica transcendental (*à la* Kant). Na minha opinião, essas estruturas (e padrões) universais estão, de muitas maneiras, abertas à investigação fenomenológica direta, seguindo uma simples descoberta de estudos sobre desenvolvimento: as estruturas *a priori* de um estágio de consciência tornam-se experiências *a posteriori* do estágio seguinte. Ou seja, as estruturas do inconsciente incorporado de um estágio de desenvolvimento são, em grande parte, formas *a priori* que cocriam e coestruturam os objetos/fenômenos da experiência naquele estágio (mas não podem ser experienciadas como fenômenos – elas ajudam a estruturar os fenômenos). Elas são *a priori* porque não podem ser experienciadas conscientemente. No entanto, como o sujeito de um

Deixe-me dar um exemplo importante: digamos que você tenha uma poderosa experiência de consciência kósmica, ou uma sensação de ser um com todo o mundo manifesto. Ora, o padrão profundo dessa experiência é bastante semelhante, independentemente da cultura em que ela aparece – você pode ter essa experiência de unidade se for chinês, indiano, alemão ou mexicano, vivendo agora ou há mil anos (refletindo a capacidade universal para autotranscendência). Mas os reais contornos, contextos, características superficiais e significados específicos dessa experiência geralmente variam de cultura para cultura e até de pessoa para pessoa. No meu modelo integral, tanto os recursos universais (que refletem uma capacidade universal para autotranscendência, que não é fixa e determinada, mas aberta e fluida) quanto os aspectos relativos ou dependentes do contexto (determinados pelos quatro quadrantes à medida que "tetraevoluem") estão incluídos. Essa abordagem, portanto, oferece o que eu acredito ser uma visão mais abrangente desses problemas complexos.

Da mesma forma, as várias ondas (ou estágios) de consciência que se desdobram em meditadores mostram certas semelhanças transcendentes ao contexto (certas experiências em meditação são universais, refletindo o gradiente universal do potencial de transcendência que é o Grande Ninho); mas os detalhes específicos, o caminho real, os tipos de estados de consciência experienciados ao longo do caminho e os significados concretos dados a eles variam de cultura para cultura, de tradição para tradição e, geralmente, de professor para professor. Isso é simplesmente parte da maravilhosa diversidade de manifestações que precisam ser incluídas aos universais e similaridades demonstráveis.

O que me leva a uma pergunta sobre o status da "ciência espiritual", como a meditação. Qual é o papel desempenhado pelo condicionamento (budista, hindu, sufi) e até que ponto isso colore nossas experiências em meditação? Isto não é puro condicionamento? Onde fica a objetividade aqui, onde fica a descoberta da realidade interior e onde fica o condicionamento cultural e religioso?

É aí que uma ciência reconstrutiva tem mais a oferecer. Se você observar os estudos sobre os estágios de meditação realizados por Daniel P. Brown (Wilber *et al.*, *Transformations of Consciousness*; e Wilber, *Psicologia Integral*), parece que as mesmas ondas gerais de desenvolvimento da consciência mais elevada podem ser encontradas na maioria das principais tradições espirituais, pelo menos em seus padrões profundos (embora seus padrões superficiais variem consideravelmente). Da mesma forma, demonstra-se que os meditadores atuais que se desenvolvem em consciência não dual permanente atravessam as mesmas ondas gerais (Wilber, "Waves, Streams, States

---

estágio se torna objeto do sujeito do próximo estágio (tanto no grau micro, descrito por Whitehead, quanto no grau macro, descrito por Robert Kegan), as estruturas subjetivas/*a priori* de um estágio tornam-se estruturas objetivas/*a posteriori* das estruturas do estágio seguinte; portanto, elas podem ser experienciadas mais diretamente e, assim, mais diretamente investigadas tanto pela boa ciência ampla quanto pela boa ciência reconstrutiva. Dessa forma, a maioria dos universais postulados pelo meu sistema é, mais uma vez, pós-metafísica. Certamente, alguns postulados metafísicos são necessários para qualquer sistema complexo de pensamento (ver nota 16), mas quanto mais deles puderem ser vinculados a uma experiência *a posteriori*, maior a chance de validade confirmada.

and Self"[9], *Journal of Consciousness Studies*, 7, nº 11-12, 2000, pp. 145-176), embora, novamente, as características superficiais variem (porque os quatro quadrantes são diferentes).

A questão então passa a ser: é possível que esses estágios de desenvolvimento da consciência sejam meramente condicionados?

Esse não parece ser o caso. A mesma acusação pode ser feita contra qualquer concepção de estágio, incluindo, por exemplo, a de Lawrence Kohlberg sobre o desenvolvimento moral. Como decidimos se esses estágios são meramente condicionados? Buscamos uma ciência reconstrutiva da melhor maneira possível. Usando Kohlberg como exemplo, seu modelo de desenvolvimento moral já foi testado em várias dezenas de países do Primeiro Mundo, Segundo Mundo e Terceiro Mundo e, até o momento, não foram encontradas grandes exceções a seus estágios. A mentalidade do meme verde (ou meramente pluralista) rebela-se violentamente contra essa conclusão, mas a pesquisa é bastante clara: "Resultados semelhantes [sobre os estágios de Kohlberg] surgiram em estudos no México, Bahamas, Taiwan, Indonésia, Turquia, Honduras, Índia, Nigéria e Quênia. ... Portanto, parece que os níveis e estágios de racionalização moral de Kohlberg são estruturas 'universais'; ... [e] os estágios morais de Kohlberg parecem representar uma sequência invariável." – Shaffer, D., *Social and Personality Development*, 1994, 417-8. Como outro pesquisador resume as evidências: "Revisões abrangentes de estudos transculturais sugerem que a teoria e o método de Kohlberg são razoavelmente justos em relação à cultura e refletem questões, normas e valores morais relevantes em outros contextos culturais. Além disso, esses dados também sustentam os critérios de desenvolvimento implícitos em seu modelo de estágio [dando] impressionante sustentação à sua teoria do desenvolvimento e sua postura não relativista." – Vasudev, J. 'Ahimsa, Justice and the Unity of Life', em M. Miller e S. Cook-Greuter , *Transcendence and Mature Thought in Adulthood*, 1994, 241. Isso não significa que o modelo de Kohlberg cubra todas as questões morais relevantes em várias culturas, apenas que ele provou ser universal nos estágios que aborda (não porque sejam arquétipos platônicos/hegelianos/aurobindianos, mas porque esses estágios se tornaram hábitos kósmicos no desenvolvimento). Os estágios de Kohlberg, tanto quanto as evidências de uma ciência reconstrutiva conseguem determinar, não são relativistas e não se devem a condicionamentos.

O mesmo acontece com quaisquer estágios meditativos que consigamos acessar. Verificamos cuidadosamente as evidências no maior número possível de contextos transculturais e vemos se existem pontos em comum ou similaridades. Se assim for, temos justificativa para suspeitar que eles são "quase universais". Novamente, não há nada metafísico ou meramente teórico sobre isto; baseamo-nos em evidências empíricas e fenomenológicas sujeitas a análises racionais após o fato, mesmo que alguns desses estágios sejam transracionais (estágios diretamente conhecidos, não pela análise racional ou por uma ciência reconstrutiva, mas pela prática meditativa ou pela ciência espiritual direta – ver abaixo). Tanto a ciência reconstrutiva racional quanto a prática espiritual direta são aspectos da abordagem mais integral que estou sugerindo.

Isto não significa que todas as experiências de meditadores contemporâneos já estejam estabelecidas como hábitos kósmicos, porque (1) os estágios de vanguarda estão sempre abertos e livres em qualquer evento; (2) a realidade dos estágios mais elevados é dada

[9] "Ondas, Correntes, Estados e o Eu". A tradução deste artigo pode ser encontrada em www.ariraynsford.com.br .

como potenciais pelo Espírito, não ainda como hábitos kósmicos (o gradiente de potencial transcendente, que é o Grande Ninho, é universal, mesmo que suas características superficiais não sejam); (3) qualquer experiência específica é um produto de todos os quatro quadrantes; portanto, a experiência de um indivíduo nos estágios mais elevados (ou em qualquer estágio) será sempre única de várias maneiras.

Um de seus livros, *A União da Alma e dos Sentidos*, tem como subtítulo "Integrando Ciência e Religião" – isto pode ser visto como o mote da sua obra como um todo. Muitos cientistas que conheci mostram-se bem céticos quando ouvem isto. Eles suspeitam que, em vez de integrar religião e ciência, você contrabandeia a religião para dentro da ciência, o que só pode levar à má ciência. Ciência e religião são dois discursos que nunca se encontram – água é H_2O ou água benta, não há nada no meio. Qual seria o seu comentário a respeito disso?

Bem, seus amigos cientistas estariam inteiramente corretos se, ao nos referirmos a "religião" estivéssemos usando o significado comum ou típico, que é o da religião ser essencialmente a onda de desenvolvimento mítica (vermelha a azul). A maioria das "integrações" de ciência e religião envolve coisas como teólogos cristãos tentando contrabandear sua teologia para os princípios da ciência natural e, assim, "provar" que o Big Bang foi criado por seu Deus específico – Jeová – e que isso "integra" ciência e religião!

Rejeito completamente essa abordagem. É mais um exemplo da abordagem metafísica para o problema de estados e estágios superiores. Uma ciência pós-metafísica e reconstrutiva desenvolve-se por meios bastante diferentes: baseia-se em evidências diretas reunidas por investigação daqueles que demonstraram, repetidamente, competência nas ondas de desenvolvimento pós-racionais. Isso envolve tanto uma reconstrução racional dos elementos essenciais ou características profundas desses estágios mais elevados quanto um chamado para desenvolver esses estágios mais elevados, adotando os exercícios de uma prática transformativa que aceleram o desdobramento dessas ondas superiores, como demonstrado empiricamente. Essas experiências espirituais diretas são inteiramente compatíveis com uma postura científica geral que exige evidências, obtidas por meio de pesquisas e fundamentadas em todos os pontos do experimento e da experiência. Essa é a abordagem pós-kantiana e pós-metafísica que sugiro para estudos espirituais, como parte de estudos integrais mais amplos. A "religião" a que você se refere é pré-kantiana, dogmática e mítica, uma abordagem adequada apenas às ondas pré-modernas da evolução.

Você identificou procedimentos comuns tanto nas ciências naturais quanto nas ciências sociais. Além disso, você postulou um terceiro tipo de ciência, que quase ninguém mencionou até agora – a "ciência espiritual", como yoga e meditação – o que resultaria em conclusões repetíveis sobre o espiritual. Você está realmente sugerindo que agora podemos provar a existência de Deus tão simplesmente quanto podemos provar a existência da lua?

Não. Na verdade, é muito mais simples, mas essa é outra história!

Deixe-me começar ressaltando que, assim como para a palavra "religião", existem numerosos significados para a palavra "ciência". Nos meus vários escritos, indiquei que

estudiosos respeitáveis usaram pelo menos dois principais significados diferentes para "ciência" e pelo menos três níveis de "ciência". Consideremo-los nessa ordem:

Os dois principais significados são "ciência restrita" e "ciência ampla". Ciência restrita refere-se a uma ciência que aceita como real somente ocasiões sensório-motoras ou, secundariamente, tenta vincular sua análise racional e teórica a apenas ocasiões sensório-motoras. A maioria das "ciências duras", como biologia e química, são consideradas exemplos de ciência restrita. Da mesma forma, para as ciências restritas, "empirismo" significa "experiências originadas pelos cinco sentidos ou suas extensões" (microscópios, telescópios, etc.).

Mas muitos filósofos da ciência salientam que existem outros tipos de ciência que não dependem estritamente dos sentidos: matemática e lógica, por exemplo. Da mesma forma, existem as ciências sociais ou ciências *geist*, que funcionam de vários modos com ocasiões simbólicas e não apenas sensoriais. Elas são chamadas de "ciências amplas" ou "ciências profundas", e mesmo as ciências restritas (como a física) dependem em parte das ciências profundas (como a matemática e a lógica).

As ciências profundas costumam lidar com realidades que só podem ser vistas com o "olho interior" (tais como a álgebra booleana e os números imaginários). Para todas as ciências amplas ou profundas, o empirismo é usado de uma forma muito mais abrangente e rica: ou seja, uma ocasião é empiricamente real se puder ser experienciada diretamente por indivíduos de um grupo de pares competentes nos meios de acesso à ocasião. Assim, matemáticos competentes podem experienciar mentalmente a série de equações simbólicas que constituem o Teorema de Pitágoras e concluir que o Teorema de Pitágoras é verdadeiro (ou que representa realidades genuínas). Em outras palavras, a maioria das formas de ciência profunda rejeita o dualismo radical entre pensamento e experiência, uma vez que os próprios pensamentos podem ser experienciados pela consciência. Essa é a base geral das ciências *geist*, incluindo as ciências interpretativas da hermenêutica e as ciências introspectivas da variedade fenomenológica. Ou seja, as ciências *geist* podem investigar os objetos, os fenômenos ou as experiências que se apresentam a qualquer sujeito ou consciência, sejam eles objetos ou experiências sensoriais, mentais ou espirituais.

Eu sugiro que essas duas formas principais de ciência (restrita e profunda) compartilham pelo menos três características comuns – ou seja, ambas operam por injunção/exemplar, experiência/evidência e confirmação/rejeição – as chamadas "três etapas" de toda boa ciência. Isto é, a "boa ciência", seja restrita ou profunda, aplica com atenção essas três etapas (que é o que sustenta suas afirmações de verdade e a torna "científica"). Essas três etapas foram sugeridas para incorporar explicitamente os aspectos válidos da teoria da ciência apresentados por Thomas Kuhn (a necessidade de exemplares /injunções/paradigmas), pelo empirismo (a necessidade de fundamentação experimental) e por Karl Popper (a importância da potencial refutação). Afirmo ainda que essas três etapas são comumente seguidas pela ciência sensorial, ciência mental e ciência espiritual.

O que nos leva aos níveis de ciência. Como a ciência ampla ou profunda investiga quaisquer experiências diretas apresentadas à consciência que possam ser compartilhadas e comunicadas no âmbito de um grupo de competência de pares, e como já vimos que existem níveis de consciência, segue-se que existem tantos níveis de

ciência fenomenológica quantos são os níveis de consciência. Uma vez que, há, comprovadamente, três grandes níveis/estados de consciência (a saber, denso, sutil e causal – correlacionados, por exemplo, com vigília, sonho e sono profundo), conclui-se que existem (pelo menos) três níveis principais de ciência – densa, sutil e causal – ou, mais comumente, sensorial, mental e espiritual.

Portanto, uma abordagem mais integral sugere que existem ciências sensoriais, mentais e espirituais (baseadas em investigação de objetos/fenômenos de consciência densos, sutis ou causais, respectivamente). A ciência restrita em geral se refere ao nível um: investiga principalmente objetos de consciência materiais, sensoriais ou densos. A ciência ampla ou profunda vai além e investiga os segundo e terceiro níveis de experiência fenomenológica: os objetos ou fenômenos de consciência mentais, simbólicos, hermenêuticos e interpretativos (nível dois), bem como – indo além – os fenômenos de consciência espirituais, causais, transracionais, supramentais (nível três).

Todos esses níveis de ciência, para serem considerados boa ciência, devem envolver as três etapas de toda boa ciência, a saber: injunção, experiência, validação/refutação. Apresentei extensos exemplos de várias disciplinas mentais e espirituais (e.g., em *Eye to Eye*, *A União da Alma e dos Sentidos* e *Uma Teoria de Tudo*).

E faço uma sugestão final: usando os quadrantes, podemos correlacionar os achados da ciência ampla (por exemplo, experiências meditativas) com os achados da ciência restrita (por exemplo, padrões de ondas cerebrais durante a meditação, registrados por um eletrencefalógrafo). Essa abordagem de "todos os quadrantes e todos os níveis" nos permite fazer algo que nem as tradições espirituais pré-modernas nem a ciência moderna conseguem fazer sozinhas, a saber: rastrear todas as quatro dimensões de uma ocasião real (intencional, comportamental, social e cultural) e, portanto, oferecer, pela primeira vez, uma abordagem mais integral à ciência, à consciência e à espiritualidade.[10]

Na sua visão da patologia humana, você não apenas reestruturou o campo da psiquiatria convencional, como também adicionou novos campos de "terapia": os domínios pessoais e transpessoais. Você não estaria impondo as categorias de terapia e patologia nesses domínios? Não deveríamos ver a espiritualidade com olhos completamente novos?

Não deveríamos ver a espiritualidade com olhos completamente novos? Com certeza, se pudéssemos – mas é claro que não podemos, uma vez que toda percepção já está sempre ligada ao contexto, e aqueles que sugerem o contrário simplesmente insinuam: não deveríamos ver a espiritualidade como eles a veem?

---

[10] Dizer que os níveis/estágios de consciência mais elevados podem ser acessados pela ciência profunda não significa dizer que esses níveis mais elevados sejam alcançados apenas pela ciência ou que a ciência revele todas as características essenciais desses níveis mais elevados. Como todos os níveis de consciência, cada nível superior tem características estéticas, morais e científicas – dimensões *eu*, *nós* e *isto* – ou seja, todos os níveis têm quatro quadrantes. Estou enfatizando aqui apenas os aspectos revelados pela ciência profunda. Ver o capítulo 4 de *Uma Teoria de Tudo*.

Meu argumento simples é que, com base em uma ciência reconstrutiva, descobrimos que certos padrões de desenvolvimento, julgados pelos indivíduos envolvidos no desenvolvimento, são mais apropriados, autênticos ou "saudáveis" e outros padrões são mais fraturados, doentios ou patológicos. Todas as tradições – inclusive o Zen – reconhecem que há "doença" em seus caminhos. Por exemplo, a "doença zen", como Hakuin a chamou, está relacionada a concentração inadequada e pode resultar em debilitantes problemas físicos, emocionais e mentais.

Tudo o que uma abordagem mais integral faz é pegar todas essas possíveis patologias e listá-las como sinais de alerta que um terapeuta, professor ou estudante podem observar durante sua própria prática. Certamente não estou tentando patologizar as ondas mais elevadas ou transformá-las em um empreendimento terapêutico. Mas para aqueles que desejam tirar proveito dessa abordagem mais integral, várias intervenções terapêuticas estão disponíveis para os que estão tendo problemas nos estágios ou estados transpessoais de seu próprio ser e devir.

Seu sistema parece muito normativo. Como você comenta em *Um Deus Social*, ele descreve o que pode dar errado (crítico) e como as coisas devem ser (normativas). Em que sentido ciência e normas podem andar juntas?

Como sempre, depende a qual "ciência" você se refere. A ciência restrita não tem normas. A ciência ampla lida com normas o tempo todo.

Geralmente, a objeção de que a ciência lida apenas com fatos (o que é) e não com valores ou normas (o que deveria ser) é uma objeção levantada por aqueles que acreditam somente na ciência restrita (embora a própria ciência restrita dependa da ciência ampla, como nós vimos acima, e a ciência ampla adote normas como inevitáveis). Além disso, a própria ciência ampla oferece diretrizes para normas mais autênticas e menos autênticas, baseadas (em parte) em uma ciência reconstrutiva.

Por exemplo: a ciência ampla investiga o desdobramento dos estágios de consciência (como vimos em Kohlberg e na *Spiral Dynamics*). Nesse desenvolvimento, *o que é* de um estágio torna-se *o que deveria ser* de um estágio prévio e, portanto, a facticidade é convertida em tendências normativas a cada desdobramento da evolução. O que dá lugar ao que deve ser rastreado e demonstrado cientificamente. O gradiente de potencial dado pelo Espírito acaba sendo um gradiente normativo desdobrado na evolução do desenvolvimento – como descoberto por uma ampla ciência reconstrutiva.

Deixe-me dar um exemplo específico da *Spiral Dynamics*. Um psicólogo do desenvolvimento que usa ciência boa, ampla e reconstrutiva (ou seja, ciência que usa todas as três etapas de obtenção do conhecimento – esta é a parte "boa" – ao investigar realidades interiores/fenomenológicas – esta é a parte "ampla" – em uma população daqueles que já demonstram competência em uma tarefa específica de desenvolvimento – esta é a parte "reconstrutiva") conclui que, de uma maneira geral, o desenvolvimento da consciência passa do bege para o roxo, para o vermelho, para o azul, para o laranja (e talvez para ondas mais elevadas). Esta é a conclusão baseada em uma ciência reconstrutiva que desvela esses estágios após o fato, não os impõe *a priori*.

Porém, uma vez que uma ciência reconstrutiva demonstre o que compõe cada estágio – isto é, após ter meramente descrito, de maneira amplamente fenomenológica, os

contornos de cada estágio de desenvolvimento em uma população competente – então, o intelecto reflexivo é capaz de detectar padrões no desenvolvimento em curso. Um desses padrões é que cada estágio subsequente envolve um aumento em perspectivismo e, portanto, um aumento na capacidade de cuidado mútuo e compaixão (ou seja, é cientificamente demonstrável que o laranja tem uma capacidade mais ampla de sentir compaixão do que o vermelho). O conteúdo de cada estágio de desenvolvimento da consciência dá ensejo a um padrão de certas variáveis crescentes e, assim, o que é fato em cada estágio se desdobra em uma série de inclinações e tendências normativas, de modo que é factualmente provado que a compaixão normativa aumenta com o desenvolvimento da consciência (estabelecido por uma ciência reconstrutiva). Assim, por exemplo, SE você valoriza a compaixão, uma ciência reconstrutiva pode lhe responder a seguinte pergunta: o que um meme vermelho deve fazer? Deve continuar seu desenvolvimento para o laranja... (E uma ciência reconstrutiva mais integral, que conduz sua investigação até os domínios transpessoais, seria capaz de afirmar, como um fato científico: SE você valoriza a compaixão, o laranja deve continuar seu desenvolvimento até ondas causais e não duais.)

O valor normativo pode ser lido, direta e simplesmente, desconectado da direção da evolução propriamente dita?

Somente de forma metafísica, pré-kantiana. Uma abordagem experiencial pós-metafísica – que nega o status ontológico de "níveis de realidade" divorciados da consciência conhecedora – ao invés, sugere que tendências normativas podem ser lidas não meramente a partir da evolução, mas somente no âmbito da evolução, com a ajuda de uma realização das ondas de desenvolvimento mais elevadas. Ou seja, a realização de ondas de desenvolvimento da consciência causais e não duais – garantida por uma boa e ampla ciência dos domínios transpessoais – traz consigo o fundamento normativo da sequência completa. Como Buda respondeu, quando perguntado por que uma pessoa deveria ser moral: "por causa do nirvana". "Nirvana", claro, não é um céu mítico ou vida eterna após a morte, mas sim um estado de consciência. Buda está dizendo que as ações morais ajudam a garantir o estado de consciência mais elevado, conhecido como nirvana, e, portanto, além de qualquer valor relativo que possa existir por si mesmo (como aumentar o carma bom para o eu egoico), seu valor final reside no fato de ser conducente à realização direta do próprio Espírito. Assim, o fundamento normativo final de todo o desenvolvimento não pode ser lido a partir de qualquer estágio ou série de estágios, mas somente a partir de uma realização direta do próprio *Urgrund*, garantida por uma boa e ampla ciência das ondas pós-racionais de desenvolvimento e confirmada por uma ciência reconstrutiva daqueles que demonstraram competência a esse respeito.

Assim, o fundamento normativo final – ou o que deveria ser – é encontrado no âmbito do domínio transpessoal, demonstrado por boa ciência ampla e confirmado por cuidadosa ciência reconstrutiva. E no próprio desdobrar da evolução, tendências normativas de certas variáveis podem aumentar com o desenvolvimento posterior, de modo que, SE alguém valoriza essas variáveis, instruções normativas podem ser lidas nos próprios estágios.[11] Ambos os fatores – o aumento relativo de certos valores normativos durante o desenvolvimento e sua fundamentação final nos domínios

[11] Essa abordagem revela pelo menos três tipos de valores: valor intrínseco, valor extrínseco e valor essencial. Ver *A Brief History of Everything* para uma discussão sobre eles.

transpessoais (ou no próprio Espírito) – estão abertos à boa ciência ampla e à ciência reconstrutiva

É claro que aqueles que acreditam apenas em ciência restrita não acreditarão em nada disso. Eles não acreditam nem nas ciências *geist*, então o que posso dizer? (Pergunte a um cientista restrito por que ele defende a ciência restrita de maneira tão agressiva como a única abordagem correta da verdade – ou seja, pergunte a ele por que ele valoriza tanto a ciência restrita quando afirma que ela carece completamente de valores e ainda assim é a única verdade – e é aí que a conversa se torna realmente interessante. Como, segundo ele, não existem valores na realidade, de onde exatamente veio essa sua valorização da ciência restrita?)

Qual é o status de uma "ciência crítica" em relação às ciências mais "objetivas"?
Uma "teoria crítica" pode ser estabelecida em qualquer disciplina importante – seja na arte, na moral ou na ciência. Ela simplesmente depende de alguém afirmar que tem uma abordagem mais autêntica, ou mais abrangente, ou mais precisa, ou mais valiosa, ou "mais alguma coisa". A Escola de Frankfurt, por exemplo, desenvolveu uma teoria social crítica que alegava oferecer mais liberdade pessoal e política. Você pode ter uma teoria crítica da arte, uma teoria moral crítica, uma teoria espiritual crítica e assim por diante. Mas todas as teorias críticas estão internamente ligadas a uma série de afirmações normativas que devem ser justificadas como convincentes e, em certo sentido, vinculadas a outras. Essa é a parte complicada, é claro.

Desde que ofereci uma "teoria integral" que afirmo honrar mais tipos de verdades do que as outras opções, devo apresentar uma série de justificativas para essa afirmação, e é isso que meus livros tentam fazer. Como acredito que, em muitos casos, posso justificar minhas afirmações como mais integrais do que outras, frequentemente critico as visões alternativas como parciais e "menos integrais" ou "menos abrangentes" (e, portanto, presumivelmente, "menos verdadeiras"). Então, sim, eu ofereci uma "teoria crítica integral". (Ver o prefácio de Jack Crittenden ao livro *O Olho do Espírito*, onde ele resume minha teoria crítica.)

Mas devo dizer que sustento essa teoria crítica integral com muita leveza. Parte da dificuldade é que, nesta fase inicial, todas as nossas tentativas de uma teoria mais integral são bem preliminares e imprecisas. Levará décadas de trabalho entre centenas de estudiosos para realmente desenvolver uma teoria integral com qualquer tipo de veracidade convincente. Até então, o que tento oferecer são sugestões para tornar nossas teorias e práticas existentes um pouco mais integrais do que são agora...

Como você vê sua posição em relação a Habermas, que defende uma ciência crítica?

Como muitas pessoas sabem, considero Habermas o maior filósofo vivo do mundo. Isso não significa, no entanto, que eu concorde com tudo o que ele diz. Porém, em termos bem gerais, encontro muita concordância em sua abordagem quase universalista; em sua perspectiva de desenvolvimento; em seus métodos dialógicos; em seus três domínios e três afirmações de validade (arte, moral, ciência – uma versão dos quatro quadrantes); em sua defesa do mundo da vida, além do mundo dos sistemas; em sua tentativa de reconstrução da história pragmática da consciência incorporada; em sua ousadia normativa; em sua mescla de afirmações transcendentais e ligadas ao contexto; e em sua postura crítica.

No entanto, discordo respeitosamente de muitos dos detalhes desses amplos programas; e afasto-me fortemente de Habermas em seu tratamento dos domínios pré-linguístico e translinguístico. Habermas relaciona os seres humanos tanto à natureza pré-verbal quanto ao Espírito transverbal de formas que acredito serem profundamente incorretas. Uma abordagem mais integral (ou "todos os quadrantes, todos os níveis, todas as linhas, todos os estados") nos permite lidar com uma visão muito mais abrangente do Kosmos do que a visão de Habermas permite.

Muitas pessoas acham que a espiritualidade deve ser abordada por meio de imagem e metáfora, não por meio de discurso racional e acadêmico.

Bem, novamente, depende do que você quer dizer com "espiritualidade". Alguns níveis de consciência têm aspectos espirituais que são mais bem abordados por meio de imagem e metáfora; outros, por meio de discurso racional e acadêmico; e ainda outros, por meio de prática e realização direta. Minha abordagem tenta incluir e honrar todos eles.

Ao mesmo tempo, de fato, uma teoria integral crítica faz sugestões sobre quais dessas abordagens são mais autênticas que outras, e a conclusão é que diferentes tipos de espiritualidade são apropriados em diferentes estágios do desenvolvimento da consciência.[12] Existem diferentes tipos de espiritualidade encontrados em praticamente todos os níveis do espectro da consciência, usando "espiritualidade" ou "religião", nesse caso de forma intercambiável, para significar qual é a preocupação última de alguém ou em que se deposita a fé suprema.

Por exemplo, nos estágios mágico e mítico, a religião mitológica dogmática não é apenas o tipo de espiritualidade mais dominante, é praticamente o único tipo de espiritualidade que pode ser sustentado nesses níveis. Essa espiritualidade é metafísica e pré-kantiana em quase todos os sentidos, porque confunde estruturas de consciência com níveis ontológicos de realidade separados da consciência – o que, a propósito, é inteiramente adequado nessas ondas e, de qualquer forma, não podemos realmente mudar os contornos desses hábitos kósmicos agora.

Entretanto, podemos continuar nosso crescimento e desenvolvimento além das ondas míticas e entrar nas ondas racionais. Nos estágios racionais, a espiritualidade (ou a preocupação última e a fé suprema) envolve um tipo de abordagem racional-científica do universo (onde "ciência" significa ciência de nível um e nível dois). Nesses níveis intermediários de consciência, acredita-se na racionalidade e nos fenômenos empíricos como um tipo de fé religiosa cega, mesmo que não exista uma prova racional-empírica para isso: não há provas científicas de que somente a prova científica seja real e, no entanto, o nível egoico-racional acredita de coração e alma que somente a racionalidade oferece os segredos do universo. Assim como nos estágios anteriores, onde alguém se identifica com a mitologia e, portanto, encontra a religião no dogma mítico, nesses estágios racionais, esse alguém se identifica com a razão e, portanto, encontra a religião em proclamações racionais da fé científica. A religião ou a preocupação última de

---

[12] Ver, por exemplo, a pesquisa de James Fowler (usando uma ampla ciência reconstrutiva) sobre os estágios da crença e fé religiosas. Seu trabalho está resumido em *Psicologia Integral*.

Habermas, por exemplo, é a razão comunicativa, que é inteiramente adequada nessas ondas.

Um crente no estágio racional coloca sua fé na razão, assim como, no estágio anterior, uma pessoa coloca sua fé nos mitos. "Fé" em todos esses sentidos não é usada de maneira depreciativa, mas de maneira positiva: alguém tem fé naquilo que "sabe" ser real e, a cada onda de desenvolvimento da consciência, a pessoa é apresentada diretamente a vários fenômenos da consciência: na onda mágica, vemos os fenômenos mágicos (que são reais como fenômenos); na onda mítica, vemos fenômenos míticos (que são reais como fenômenos); na onda racional, vemos fenômenos racionais (que são reais como fenômenos); e nas ondas espirituais, vemos fenômenos espirituais (que, afirma-se, matizam diretamente o próprio númeno, não em sentido metafísico, mas experiencial, demonstrado por uma ciência boa e profunda, por exemplo, na experiência direta de *satori*).
Quando o desenvolvimento continua da mente para os domínios supramentais, transpessoais ou pós-racionais (um desenvolvimento que pode ser racionalmente reconstruído, mas não racionalmente alcançado), a espiritualidade de uma pessoa muda de uma preocupação última com os conteúdos da mente para uma preocupação última com os conteúdos da consciência transcendental como tal (que, uma vez que transcende e inclui os níveis anteriores, resulta idealmente em uma abordagem integral para a espiritualidade, a ciência e o universo em geral) – isto é, muda de uma fé na mente para uma fé no espírito propriamente dito. Como nos estágios prévios, essa "fé" não está extraviada; resulta de uma realização direta da realidade espiritual desvelada nas ondas pós-racionais de desenvolvimento da consciência. É claro que alguns indivíduos veem as realidades espirituais mais claramente que outros, assim como alguns usam a razão de maneira mais brilhante que outros. Mas para todos que continuam seu desenvolvimento nas ondas transpessoais, uma ciência reconstrutiva desse desenvolvimento mostra inconfundivelmente seu caráter supramental e espiritual – porém, agora, é uma espiritualidade baseada em evidências experienciais diretas (*satori*) que podem ser comunicadas a um grupo de pares que demonstram competência nesse desenvolvimento (*sangha*).

Essa é, portanto, uma espiritualidade pós-metafísica e pós-kantiana. Ela não tem nada a ver com níveis ontológicos de realidade das ondas de consciência pós-modernas (e são reais como ocasiões fenomenológicas finalmente reveladas como potencial de transcendência para o Espírito e conhecidas diretamente por uma boa ciência ampla).

Esse tipo de espiritualidade pós-metafísica foi mais claramente anunciada no Oriente pelo gênio budista Nagarjuna, que usou uma dialética transcendental semelhante à de Kant (embora Nagarjuna a tenha descoberto mil e quinhentos anos antes de Kant) para demolir estruturas de crenças e desconstruir radicalmente mitos, com o objetivo de abrir caminho para evidências experienciais diretas (ou ciência em sentido amplo).

Assim, enquanto mito e dogma são o material da espiritualidade metafísica pré-kantiana, a experiência direta e a ciência profunda são o material da espiritualidade pós-metafísica. Como afirmei na introdução de *Sexo, Ecologia, Espiritualidade*: "se metafísica significa pensamento sem evidências, não existe uma única frase metafísica no livro inteiro".

Portanto, quando Habermas afirma que "não há alternativa ao pensamento pós-metafísico", concordo inteiramente. Mas o que Habermas ainda não parece perceber é

que este é exatamente o fundamento sem fundamento para uma espiritualidade pós-metafísica da experiência espiritual direta, desvelada em ondas pós-racionais de desenvolvimento da consciência, investigadas por uma ciência boa e profunda por aqueles que demonstraram competência nessas dimensões, e confirmada por uma ciência reconstrutiva em toda a extensão do desenvolvimento da vida humana.

Habermas escreve sobre os movimentos da Nova Era: "Esses movimentos de pensamento mais sérios oscilam dentro de uma guirlanda surreal de visões de mundo fechadas, que são compostas por peças de teoria científica mal averiguadas. A Nova Era satisfaz, de forma irônica, o anseio do Um e do Todo perdidos, com a autoridade abstrata de um sistema de ciência que se torna cada vez mais impenetrável. Porém, visões de mundo fechadas conseguem se estabilizar no mar de uma compreensão descentralizada do mundo somente em ilhas subculturais." Qual é a sua posição em relação a esta afirmação?
Ah, eu concordo com praticamente tudo isso. Mas acredito que podemos ser mais precisos na análise do que Habermas. Primeiro, é verdade que grande parte do pensamento da Nova Era satisfaz o anseio pelo Uno e pelo Todo perdidos, não meramente de uma forma irônica, mas pela regressão real a estágios iniciais de "unidade" e "totalidade", que, na verdade, não são inteiros em qualquer sentido desenvolvido, mas apenas estágios de fusão e indissociação infantis, carregados mágica e miticamente (e.g., as ondas roxa e vermelha). Segundo, as abordagens mais sofisticadas da Nova Era realmente recorrem à ciência, mas ciência quase sempre é distorcida (especialmente a "nova física" e a "teia da vida") – mas Habermas está certo, essa pseudociência é realmente impenetrável (o que significa, oculta evidências e, portanto, não é realmente ciência – é simplesmente uma nova mitologia, daí sua natureza muitas vezes regressiva). Essas visões de mundo da Nova Era são de fato fechadas, tanto em termos de desenvolvimento quanto em termos de falseabilidade (portanto, mais uma vez, elas não são ciências reais, pois são imunes às três etapas da boa ciência). E, finalmente, Habermas está certo quanto a esses movimentos conseguirem sobreviver apenas em ilhas subculturais. Nos Estados Unidos, uma dessas ilhas subculturais é encontrada em San Francisco, e é por isso que chamo a versão mais predominante da sofisticada abordagem da Nova Era de o "Paradigma 415" (415 é o DDD de San Francisco). Outra ilha de tais crenças é Boulder, Colorado, a cidade em que moro.[13] Caramba.

Daí por que é tão importante que a psicologia integral e todos os movimentos pós-metafísicos sérios se separem, sempre que possível, desses movimentos da Nova Era (e é por isso que eu não sou mais um membro do movimento transpessoal na América, que apresenta todas as características de um movimento da Nova Era, como descrito por Habermas, infelizmente).

Também é importante diferenciar nitidamente uma espiritualidade pós-metafísica da filosofia perene, e por isso não me identifico com a filosofia perene há mais de quinze anos. É claro que algumas de suas conclusões são importantes e merecem o máximo respeito – mas somente se puderem ser reconstruídas usando-se ciência boa, ampla e reconstrutiva.[14] Venho ressaltando a necessidade dessa abordagem crítica e pós-

---

[13] Atualmente, Wilber mora em Denver, Colorado. (N.T.)

[14] Muitos dos filósofos perenes duradouros – como Nagarjuna – já usavam métodos pós-metafísicos, razão pela qual suas ideias ainda são bastante válidas. Mas a grande maioria dos

metafísica em vários livros recentes, incluindo *Sexo, Ecologia, Espiritualidade* e *Psicologia Integral*. Para aqueles que não leram esse material, incluí várias notas finais de *Psicologia Integral* no Apêndice 1.

Finalmente, com referência à citação de Habermas, gostaria de salientar que um tipo generalizado de crença da Nova Era é muito atraente, não apenas para as ondas pré-racionais roxa e vermelha (mágica e mítica), como também para o meme verde (ou o estágio de desenvolvimento pluralista), simplesmente porque esse estágio pluralista é marcado por sua posição fortemente subjetivista. O meme verde representa cerca de 25% da população adulta na América e na Europa; desse modo, essa parte da ilha subcultural é, na verdade, um imenso continente, que tanto Habermas quanto eu estamos dando o nosso melhor para transcender.

---

filósofos perenes ficou presa a pensamentos metafísicos, e não críticos, e é por isso que rejeito quase inteiramente seus métodos e aceito suas conclusões apenas na medida em que possam ser reconstruídas, o que meus livros tentam fazer de várias formas. Ver a discussão a seguir para mais informações sobre esse tema.

Parte II: Hans-Willi Weis e Comentários Irônicos

Filosofia de Ken Wilber – Uma Avaliação Crítica de Hans-Willi Weis

Hans-Willi Weis publicou recentemente um artigo altamente crítico do meu trabalho, repleto de comentários irônicos sobre minha posição e pleno de um adorável espírito de má vontade e mesquinhez. Quão animador! Tentarei responder, embora, provavelmente, não seja tão bom em críticas irônicas quanto Meister Weis.

A seguir, resumos das críticas de Weis. Se estes não representam com precisão sua posição, peço desculpas por quaisquer erros. Se eu ridicularizar uma posição e ela não for realmente a posição de Weis, por favor, aplique o ridículo a alguma outra posição acurada dele.

1. O espectro da consciência e sua realização através do transpessoal

O sistema de Ken Wilber é fechado; os estágios transpessoais não são apenas alguns estágios adicionais que podem ou não existir (isto fica para a ciência decidir), mas sim os estágios finais de desenvolvimento – ponto final.

Isto está completamente errado. O sistema é aberto em quase todos os pontos. Como expliquei anteriormente, a natureza da evolução futura da humanidade (e do Kosmos em geral) não está predeterminada; ela é um produto de (pelo menos) todos os quatro quadrantes à medida que se manifestam e interagem. Eu chamo isto de "tetraevolução", e ela está aberta em quase todas as formas, limitada apenas pelas generalidades dos vinte princípios, que não são postulados *a priori*, mas conclusões *a posteriori* baseadas em investigação empírica. Uma vez que certos padrões emergem, eles geralmente se transformam em hábitos kósmicos, mas, quando surgem pela primeira vez, têm muita abertura e liberdade criativa.

Acima de tudo, o desenvolvimento está aberto nas dimensões sutis, que fazem parte da grande fonte criativa do Espírito. Como afirmo claramente no final do Livro Um de *Sexo, Ecologia, Espiritualidade*, a evolução poderia (e pode) continuar em bilhões e bilhões de outros universos. Não há ponto final – ponto final.

O sistema de Wilber reivindica validade universal, é imune a críticas e usa dados empíricos apenas a título ilustrativo.

O sistema que proponho não reivindica validade universal de nenhuma forma *a priori*, mas conclui que existem alguns aspectos do sistema que parecem ser universais, e chega a essa conclusão com base na investigação empírica e fenomenológica de centenas de pesquisadores de todo o mundo que usam ciência ampla reconstrutiva. Weis, claramente, não tem conhecimento dos meus escritos a esse respeito. Ele pode começar a conhecer meu trabalho nessa área lendo *Psicologia Integral*. De várias formas, minha posição aqui não é muito diferente de aspectos da abordagem de Jürgen Habermas.

2. A Grande Cadeia do Ser e sua formulação pela *Philosophia Perennis*

Ao relacionar o espectro da consciência com a Grande Cadeia do Ser, Wilber cruza a fronteira entre ciência e metafísica, entre psicologia e ontologia.

Não me identifico com a filosofia perene e não o faço há mais de quinze anos. Como afirmei em diversas ocasiões, rejeito categoricamente a maior parte do trabalho dos principais perenialistas, incluindo Schuon, Coomaraswamy, Pallis, Guenon, etc. (Para a declaração mais recente da minha rejeição da filosofia perene, ver *Uma Teoria de Tudo*).

Minhas principais críticas à filosofia perene são numerosas e detalhadas demais para serem resumidas aqui. Mas talvez a minha crítica mais forte seja que não podemos mais conceber "níveis de realidade" em um sentido ontológico separativo. Rejeito inteiramente as noções de níveis de realidade como existências ontológicas separadas (como explicado em muitas notas finais em *Psicologia Integral*; ver Apêndice 1). Ao contrário, quaisquer níveis de realidade devem ser concebidos no sentido pós-kantiano e pós-metafísico, como sendo inseparáveis da consciência que os percebe. Essa consciência é investigada, não por especulações metafísicas, mas por pesquisas empíricas e fenomenológicas (ver Parte I).

Eu descrevi essa abordagem pós-metafísica e pós-moderna em diversos lugares, incluindo várias notas finais em *Sexo, Ecologia, Espiritualidade*, em *A União da Alma e dos Sentidos* (que aborda especificamente a necessidade e a metodologia de uma espiritualidade pós-kantiana) e em longas notas finais em *Psicologia Integral*. Sugiro que Weis comece por elas, se quiser saber mais sobre minha posição.

O que tem a ver repetições dogmáticas de conceitos encontrados nas tradições de sabedoria com a pesquisa transpessoal empírica?

Nada, e é por isso que as rejeito categoricamente – a menos que possam ser reconstruídas usando boa ciência ampla e ciência reconstrutiva. Algumas delas podem, muitas não podem; mas repito, nenhuma delas é considerada com fé cega.

3. Philosophia Perennis como fundamento – o argumento de autoridade

Ao conceber o transpessoal realisticamente como o *ens perfectissimum* da teologia, só se pode basear na autoridade das escrituras espirituais.

É verdade, daí por que também rejeito categoricamente essa abordagem. Sou um dos principais críticos da filosofia perene por todas essas razões. As únicas áreas da filosofia perene que eu estou disposto a apoiar são aquelas que têm uma sustentação contínua e em andamento em investigação empírica e fenomenológica, tais como a existência de três principais estados de consciência (vigília, sonho, sono profundo). Por outro lado, toda a filosofia perene está aberta à análise com base em boa ciência ampla e confirmada por ciência reconstrutiva.

Que prova empírica as figuras espirituais históricas nos apresentam?

Nenhuma, razão pela qual suas afirmações devem estar abertas a pesquisas experienciais em andamento.

Que prova temos de que elas representam nosso desenvolvimento futuro?

Nenhuma, razão pela qual suas afirmações devem estar abertas a pesquisas experienciais em andamento. Eu tenho dito que alguns dos grandes sábios "representam

nosso futuro", mas apenas no sentido – e na extensão – de que eles experienciaram estados de consciência mais elevados, mais amplos ou mais profundos, que a humanidade como um todo pode descobrir (como explicado na Parte I). Mas se isso acontece ou não, depende de eventos em todos os quatro quadrantes, cada um dos quais é um sistema aberto em evolução. Novamente, Weis faz uma leitura muito superficial e estreita do meu trabalho tentando extrapolá-lo e, ao fazer isso, os resultados decorrem de seu próprio dogmatismo, não do meu.

4. O transpessoal como promessa do futuro evolucionário

Wilber vê o transpessoal como potenciais estágios evolucionários, não como realidades concretas, o que é outra prova de que seus pensamentos se movem em um nível abstrato, muito acima do mundo empírico.

Esta afirmação está duplamente incorreta. Como expliquei anteriormente, os domínios transpessoais são potenciais universais para transcendência que podem ser experienciados por praticamente qualquer pessoa agora, como uma realidade concreta, mas suas formas reais são preenchidas pelos quatro quadrantes. Esses potenciais mais altos se tornam estágios evolutivos mais elevados, mas isso só acontecerá com base em realidades concretas nos quatro quadrantes.

Além disso, como meus escritos globais deixam claro, sustento, com base em evidências empíricas e fenomenológicas, que "o transpessoal", na verdade, contém "estados", "estágios" e "domínios". Estados, são realidades sempre presentes, não potenciais futuros. Em outras palavras, meu modelo consegue acomodar tanto a posição de Weis quanto uma posição evolucionária, enquanto seu modelo não.

Ideias sobre evolução futura só podem ser especulativas e nada têm a ver com o conceito científico de evolução, que é retrospectivo, reconstrutivo.

Correto, e é por isso que, como explico em *Sexo, Ecologia, Espiritualidade*, os estágios mais elevados só podem ser compreendidos com uma ciência reconstrutiva (ver Parte I). Weis deve ter pulado essas seções. O ponto é que, se adotarmos uma abordagem reconstrutiva para aqueles que já demonstraram uma competência presente em estágios de desenvolvimento mais elevados (isto é, estágios além do turquesa), esses estágios provavelmente nos fornecerão alguns dos padrões gerais que a evolução futura em maior escala poderá seguir (como um hábito kósmico), mas, mesmo assim, as formas concretas serão determinadas somente pelas realidades emergentes nos quatro quadrantes. Não acho que Hans-Willi esteja entendendo o argumento aqui, mas tenho certeza de que se ele entendeu, ainda conseguirá encontrar alguma coisa maravilhosamente desagradável para dizer.

5. Meditação como prova científica de confirmações metafísicas?

A metafísica está interessada em entender o mundo (mais elevado), a ciência, em fatos. A ciência não sabe se o desenvolvimento é por si só desejável.

Correto, e novamente Weis repete grande parte de minha própria posição como se fosse meramente dele. Minha postura aqui é, mais uma vez, um pouco semelhante à de Habermas; porém, enquanto Habermas interrompe seu relato de desenvolvimento no

centauro (turquesa), eu o continuo para o transpessoal, onde ele se torna uma realidade concreta (e pode ser demonstrado com uma ciência reconstrutiva) . E, como disse, rejeito categoricamente as abordagens metafísicas de todos os modos. Precisamos de uma ciência transpessoal pós-moderna, pós-kantiana, empírica, fenomenológica e experiencialmente fundamentada, que opere por meio de uma ciência reconstrutiva para sugerir os estágios e estados mais elevados que estão disponíveis como realidades (fatos) presentes para aqueles que continuam seu desenvolvimento além dos estágios reconhecidos por teorizadores convencionais como Habermas.

A meditação prova de maneira "científica" as afirmações metafísicas das tradições espirituais? Metafísica e ciência nunca podem se encontrar. (Uma prova científica da existência de Deus é uma contradição em termos.)

Genericamente, concordo com os argumentos que Weis apresenta aqui, mas apenas no âmbito de suas próprias definições restritas. Existe uma imensa literatura – na Alemanha e na América – sobre o significado de "ciência". Weis, tipicamente, colapsa minha posição – que contém pelo menos três respostas separadas para essa questão – em uma única resposta, que não chega nem perto da minha posição verdadeira. Portanto, permita-me desdobrar minha posição sobre "ciência" e repetir alguns pontos que apresentei anteriormente:

a) Se por "ciência" nos referimos a empirismo sensório-motor, então não há prova científica para Deus. Tampouco existe prova científica para realidades superiores às sensoriais (incluindo matemática, lógica, etc.) – todas elas se tornam "não científicas" porque são não sensoriais). Esta costuma ser chamada de "ciência restrita".

b) Se por "ciência" nos referimos a proposições fundamentadas em evidências experienciais diretas, é claro que há uma "prova" da existência de Deus, que é chamada de "satori", a realização direta da Quididade ou Essência do Ser (*tathagata*) do mundo. Esta é geralmente chamada de "ciência profunda ou ampla".

c) Creio que ambas as afirmações acima são verdadeiras, mas acrescento uma terceira a este debate, que considero bem nova, a saber: quando uma pessoa experiencia *satori* (no Quadrante Superior Esquerdo) e, portanto, tem uma experiência direta de "ciência profunda" do Espírito, a ciência restrita (no "Quadrante Superior Direito) pode rastrear, simultaneamente, as alterações cerebrais que ocorrem durante o *satori* (ou *sahaj samadhi*, *moksha*, consciência unitiva, etc.), aprofundando assim nossa compreensão de estados de consciência e nos dando uma visão geral muito mais completa, "todos os quadrantes, todos os níveis", de realidades mais elevadas. Essa abordagem é explicada em *A União da Alma e dos Sentidos* e resumida brevemente em *Uma Teoria de Tudo* e *Psicologia Integral*.

A meditação não segue as três etapas da ciência, pois os dados da meditação nem mesmo podem ser expressos em palavras. Portanto, essa é uma analogia vazia.

Oh, aqui Weis está se reportando à sua velha avó zen. Ele tem apenas metade da verdade zen. "Você deve dizer algo!" é o nome do último livro de Katigiri Roshi e indica a outra metade do Zen: é claro que o Real é inefável, mas você deve dizer algo! Então o que você pode dizer? Muita coisa, e é por isso que os verdadeiros Mestres Zen

falam sobre Vacuidade o tempo todo. Isto é aceitável SE você tiver experienciado *satori*, pois, nesse caso, entenderá exatamente o que eles querem dizer.

Há uma longa seção em *Sexo, Ecologia, Espiritualidade*, que Weis não deve ter lido, onde falo por que TODAS as experiências são inefáveis, a menos que você tenha vivenciado a experiência. Experiências como fazer amor, contemplar um pôr do sol, ouvir Bach: nenhuma delas pode ser totalmente traduzida em palavras. O mesmo vale para as experiências místicas, mas isso não impede que nos comuniquemos bastante sobre elas – assim como podemos falar bastante sobre sexo, mesmo que seja inefável. Tudo o que é necessário é um pouco de boa vontade e compreensão mútua, que Weis talvez pudesse considerar como uma alternativa feliz ao seu desejo resoluto de não concordar com uma única coisa que eu diga.

Desnudando o sistema de Wilber de suas suposições ontológicas e cosmológicas, sobra uma tentativa de classificar fenômenos transpessoais, que não é nem convincente nem necessária. É apenas uma dentre muitas outras possíveis interpretações do transpessoal.

Primeiro, não há suposições ontológicas, como expliquei, mas conclusões a que se chega por pesquisa empírica e fenomenológica baseada em ciências amplas e ciências reconstrutivas. Weis é livre para ignorar essas pesquisas, mas seu próprio modelo ou sistema sofrerá claramente com isso.

Segundo, o sistema de "classificação" resultante da inclusão desses dados e pesquisas envolvem várias dimensões – incluindo estados, estágios e domínios – e Weis não dá nenhuma indicação de que esteja familiarizado com essas pesquisas; portanto, eu imagino que ele não as ache convincentes.

6. A abordagem clínica do transpessoal

A classificação de Wilber de estágios, patologias e modalidades de tratamento vê o campo da espiritualidade com os olhos de um terapeuta, como se todos os desvios da "norma" fossem patológicos.

De modo algum. A ideia é simplesmente que, onde quer que haja desenvolvimento, inclusive o desenvolvimento transpessoal, frequentemente descobrimos que podem existir problemas, enredos ou malogros nesse desenvolvimento e, se isso acontecer, sintomas dolorosos do problema podem ocorrer. Naturalmente, não queremos reduzir os problemas transpessoais a meros problemas pessoais e, portanto, se estivermos agindo como terapeutas transpessoais, também desejamos estender nossa compaixão terapêutica a essas dimensões superiores. É uma simples questão de bondade e consideração.

Se quisermos entender os fenômenos transpessoais de maneira empírica, precisamos abandonar todas as suposições normativas e conclusivas sobre como as coisas devem ser.

Obviamente. Porém, uma vez que coletamos uma grande quantidade de dados e evidências experimentais sobre o desdobramento e desenvolvimento da consciência, podemos, legitimamente, tirar conclusões normativas em um sentido muito geral

(novamente, exatamente como Habermas faz; ver a Parte I). Não há nada de questionável nisso; é bem direto; e certamente NÃO inclui suposições conclusivas.

Quem somos nós para dizer que os Gnósticos, que rejeitavam o mundo, eram "patológicos", uma avaliação que Wilber atribui a Plotino? Cada ponto de vista espiritual/existencial é valioso por si mesmo.

Aqui, a orientação do meme verde (ou meramente pluralista) de Weis afirma-se claramente. Ele exibe a contradição performativa padrão: nenhuma visão é superior ou melhor que outra, exceto sua própria visão, que é a única maneira correta de ver as coisas. É exatamente para evitar tais autocontradições de desempenho que uma abordagem mais integral à espiritualidade seria útil.

7. A proposta de Weis para uma visão alternativa do transpessoal

O sistema de Wilber é por demais abstrato para ser útil para pesquisadores transpessoais, que precisam lidar com questões específicas e detalhadas.

Então, Weis deve alertar rapidamente os milhões de leitores ao redor do mundo que estão usando esse sistema e o consideram bastante útil. E, por favor, apresse-se, eles estão claramente desperdiçando suas vidas! O ponto é: use a estrutura abstrata e aplique todos os detalhes que você desejar (meu trabalho oferece uma quantidade razoável de detalhes) e, assim, você terá o melhor dos dois mundos.

Não vamos nos concentrar em estágios, mas em estados (induzidos ou espontâneos) na pesquisa transpessoal empírica. Isto é algo com que podemos lidar.

Meu modelo inclui estados e estágios, uma vez que é o que as evidências empíricas e fenomenológicas justificam até o momento. Se Weis quer ignorar esse imenso conjunto de evidências, ele deve nos explicar por que as ignora e deve nos dizer quais falhas nos pesquisadores os levaram a descobrir essas evidências. Até que ele faça isso, qualquer modelo verdadeiramente integral incluirá todos os fatos relevantes divulgados por pesquisadores respeitáveis. Não acho que devamos descartar evidências tão facilmente quanto Weis.

Vejamos como as pessoas integram esses estados em sua personalidade e como eles afetam seu comportamento em geral.

É exatamente isto que minha abordagem faz. Mas também inclui o efeito de estágios, tipos, linhas de desenvolvimento, o eu como tendência integradora, etc., o que, na minha opinião, nos dá uma visão muito mais completa e integral do que a de Weis.

Tentar enquadrar o transpessoal em uma estrutura abstrata e teórica é uma tarefa irrealizável; todos os místicos dizem que o espiritual não pode ser adequadamente formulado.

Sim, e, no entanto, todas as tradições místicas, ofereceram mapas gerais da jornada para o Espírito (como as dez figuras zen do Pastoreio do Boi). Acontece que existem semelhanças familiares com esses mapas, e essas semelhanças parecem refletir certos potenciais profundos no corpo-mente humano (potenciais profundos de

autotranscendência dados como o Grande Ninho). Não tentamos enquadrar nada em uma estrutura abstrata e teórica. Em vez disso, tentamos uma ciência reconstrutiva que conclua, com base em pesquisas e evidências empíricas e fenomenológicas, que existem estados e estágios mais elevados disponíveis para homens e mulheres (mas, novamente, não de maneira predeterminada, pois sua manifestação é moldada pelos quatro quadrantes – comportamental, intencional, social e cultural). Essa é uma abordagem muito mais completa do que a que Weis oferece, creio eu.

Permita-me concluir dizendo que acredito que realmente ressoo com algumas das inquietações e preocupações genuínas que Weis demonstra – particularmente a preocupação com sistemas fechados, controle autoritário, falta de abertura e potencial para abuso. Mas eu já escrevi extensivamente sobre essas questões, por que precisamos de uma abordagem pós-metafísica, profundamente científica ou experiencial para tais questões e por que devemos diferenciar acentuadamente essa espiritualidade pós-metafísica da filosofia perene e dos diversos novos movimentos da Nova Era. Garanto que, se Weis ler meu trabalho nesta área, ele também detestará algo, e todos esperamos ansiosamente sua próxima rodada de críticas, embora tenha certeza de que serei perdoado se não as responder, pois tenho coisas mais importantes a fazer, como alimentar meu peixe-dourado.

Apêndice 1: Sobre a Necessidade de uma Espiritualidade Crítica e Pós-Metafísica

As notas a seguir provêm do livro *Psicologia Integral*. Elas salientam, mais uma vez, minha crença de que precisamos superar uma abordagem metafísica (que assume que numerosos planos ou níveis de realidade existem de maneira radicalmente independente da consciência que os conhece) e avançar para uma abordagem muito mais crítica (que investiga as estruturas do sujeito que conhece o objeto, ou, neste caso, que conhece os níveis de realidade). Nessas notas, tento ressaltar dois pontos principais: (1) não podemos mais conceber planos ou níveis de realidade como estruturas ontológicas inteiramente pré-existentes e pré-dadas; (2) podemos, no entanto, continuar a nos referir a níveis de realidade ontologicamente verdadeiros, mas apenas se eles forem concebidos como fundamentalmente codependentes da consciência que os percebe e os cocria. Isto nos permite preservar planos, níveis ou domínios de realidade como variáveis separadas e quase independentes, mas somente percebendo que esses níveis de realidade estão internamente relacionados a níveis de consciência e que, se uma consciência humana específica não percebe um domínio, esse domínio só pode existir porque é um domínio de consciência sustentado no Espírito (um Espírito que a consciência humana pode realizar diretamente em *satori* ou iluminação). Isto transforma dramaticamente níveis de realidade independentes, conhecidos por especulação metafísica *a priori*, em níveis de consciência conhecidos por experiência direta (e, portanto, abertos a críticas e aperfeiçoamento contínuos via ciência, pesquisa e investigação profundas) – ou seja, a transformação da espiritualidade metafísica para a espiritualidade pós-metafísica.

Algumas das notas a seguir podem não fazer sentido a menos que se leia o livro de onde foram tiradas (*Psicologia Integral*), mas de modo geral acho que são suficientemente claras para se ter uma ideia global. Eu editei essas notas ligeiramente com o intuito de enfatizar alguns pontos. Este apêndice é complementado por vários esclarecimentos adicionais sob a forma de perguntas e respostas.

1.3 [ou seja, nota 3 do capítulo 1]. Como Huston Smith ressalta em *Forgotten Truth*, nas grandes tradições, os níveis de consciência (ou níveis de individualidade) às vezes são distinguidos dos níveis de realidade (ou planos de realidade), e eu também sigo essa distinção. No entanto, para a maioria dos objetivos, eles devem ser considerados juntos, como o *ser* e os aspectos do *conhecer* de cada um dos níveis do Grande Ninho. Em outras palavras, as estruturas básicas do *conhecer* (os níveis de consciência/individualidade) e as estruturas básicas do *ser* (os planos/domínios de realidade) estão íntima e internamente conectadas e, a menos que especificado em contrário, ambas são indicadas pelos termos estruturas básicas ou níveis básicos do Grande Ninho. (Huston Smith indica isso usando a mesma figura de círculos concêntricos para cobrir tanto os níveis de realidade quanto os níveis de individualidade.) Mas a razão pela qual é necessário distingui-los é que um determinado nível de identidade pode encontrar um nível diferente de realidade, como veremos em discussões subsequentes e, portanto, eles precisam ser preservados como duas variáveis independentes. Não obstante, no discurso moderno, há vantagens, em enfatizar o componente epistemológico sobre o ontológico, como ressaltarei na discussão a seguir.

1.5 Isso é semelhante ao conceito de *alaya-vijnana* do Budismo Mahayana, a "consciência-depósito coletiva", que está presente em cada pessoa e que se diz ser o repositório de características de memória (*vasanas*) de todas as experiências passadas,

tanto de si mesmo quanto de outros (ou seja, não é apenas coletiva, mas transpessoal, abrangendo todos os seres sencientes; em meu sistema, vai do sutil superior ao causal inferior). Diz-se que, em estágios mais elevados de meditação, pode-se entrar em contato com essa consciência transpessoal, o que ajuda o indivíduo a libertar-se de uma identidade estreita e restrita com o eu individual. Assim, de acordo com o Budismo Mahayana, *alaya-vijnana*: (1) é um genuíno domínio transpessoal, uma realidade que existe em todas as pessoas; (2) entretanto, é raramente contatado de forma consciente e, assim, para a maioria das pessoas, esse contato consciente é meramente um potencial; (3) como depósito coletivo, evolui e muda à medida que mais e mais *vasanas* são acumulados coletivamente; (4) desse modo, seus contornos reais estão constantemente coevoluindo com a experiência das pessoas – definitivamente, não é um molde pré-determinado e imutável ou arquétipo eterno; (5) embora esteja em constante evolução, qualquer indivíduo, a qualquer momento, ao vivenciar diretamente esse domínio, pode se libertar das restrições da individualidade; (6) portanto, o fato de esse domínio sutil estar evoluindo e mudando não significa que ele não possa conferir liberação transpessoal em determinado momento.

Certamente, diz-se que a libertação final está além mesmo das formas sutis ou *vasanas*, no informe ou causal (e depois, no não dual). O causal é o único "nível" básico que não muda e evolui, já que é puramente sem forma. Até mesmo o não dual evolui em parte, porque é uma união da vacuidade causal (que não evolui) com todo o mundo manifesto (que evolui).

Para mim, esta concepção (que é uma reconstrução da visão budista) é mais adequada do que a dos moldes arquetípicos eternamente imutáveis (ver a Introdução do volume 2 de *Collected Works* para uma discussão mais completa deste tema [também apresentada no Apêndice 2, "A Natureza da Involução"]; alguns aspectos do Kosmos ainda devem ser considerados arquetípicos, mas são em muito menor número do que a filosofia perene em geral imaginava). Em minha opinião, todos os hólons da existência (incluindo as estruturas básicas) são, em parte, esses tipos de memórias ou hábitos evolucionários. E, para a presente discussão, deve ser lembrado que os níveis superiores ainda estão evoluindo, e, portanto, são amplos potenciais, não absolutos pré-dados; mesmo assim, isso não os impede de serem capazes de nos libertar das constrições dos domínios inferiores.

8.1 Conforme indicado no texto, os estados de consciência são muito importantes, mas para contribuírem para o desenvolvimento devem se tornar estruturas/características. Planos ou domínios são importantes, mas eles não podem ser concebidos pré-criticamente como realidades ontologicamente independentes, mas sim como coproduções de eus perceptivos (ver nota 8.2 a seguir). Assim, a generalização mais simples é que o desenvolvimento individual envolve ondas, correntes e o eu, sem negar de forma alguma a importância de todos os outros fatores, de estados a planos a numerosos processos e padrões heterárquicos.

8.2 Na minha visão, as estruturas básicas do Grande Ninho são, simultaneamente, níveis de *conhecer* e de *ser*, epistemologia e ontologia. Por razões discutidas no texto (a saber, a modernidade rejeitou a maior parte da ontologia e aceitou apenas a epistemologia), eu geralmente me refiro às estruturas fundamentais como "as estruturas básicas de consciência" (ou "os níveis básicos de consciência"); mas seu status ontológico não deve ser negligenciado, já que sua conexão interna com a consciência não é ignorada.

Geralmente, a filosofia perene se refere aos primeiros como níveis de consciência (ou níveis de individualidade), e aos últimos como domínios ou planos de existência (ou níveis de realidade), que devemos entender como inextricavelmente entrelaçados (ver nota 1.3). Assim, como Huston Smith ressaltou (em *Forgotten Truth*), o nível de consciência do corpo corresponde ao domínio ou plano de existência terrestre; o nível de consciência da mente corresponde ao domínio ou plano de existência intermediário; o nível de consciência da alma corresponde ao plano de existência celestial; e o nível de consciência do espírito corresponde ao plano de existência infinito. Visto que essas são estruturas correlatas (níveis de consciência e planos de existência), eu incluo ambas no conceito de estruturas básicas ou níveis básicos do Grande Ninho.

No entanto, às vezes é útil distingui-las, porque um determinado nível do eu pode experienciar um nível ou plano de realidade diferente. Frequentemente, fiz essa distinção ao analisar os modos de conhecimento (ver *Eye to Eye*, capítulos 2 e 6; *Um Deus Social*, capítulo 8), e farei o mesmo no texto quando discutirmos os modos de arte. Além disso, na ontogenia, as estruturas se desenvolvem, mas os planos não (o eu se desenvolve através dos planos ou níveis potenciais de realidade já dados [que preexistem apenas como um gradiente de potencial de transcendência]); no entanto, tanto na involução quanto na evolução/filogenia kósmicas, os planos/domínios também se desenvolvem, ou se desdobram a partir da Fonte e se envolvem até a Fonte (portanto, não podemos dizer que os planos não mostram nenhum desenvolvimento: eles se desenvolvem e evoluem a partir do Espírito; ver nota 1.5 para os modos pelos quais os próprios planos coevoluem). Mas um determinado nível do eu, em geral, pode interagir com diferentes níveis de realidade, em vários graus, de forma que precisamos manter esses dois (estruturas e domínios) como variáveis independentes.

Assim, por exemplo, como expliquei em *Eye to Eye*, a consciência pode voltar sua atenção para o plano material (usando seu olho epistemológico da carne), para o plano intermediário (usando seu olho epistemológico da mente), ou para o plano celestial (usando seu olho epistemológico da contemplação). Os planos material, intermediário e celestial são os níveis ontológicos; em *Eye to Eye*, refiro-me a eles usando os termos *sensibilia*, *intelligibilia* e *transcendelia* (isto é, os objetos nesses planos ou domínios). Os olhos da carne, da mente e da contemplação são os níveis epistemológicos correlacionados com (e que desvelam) os planos ontológicos da *sensibilia*, *intelligibilia* e *transcendelia*. (Claro, estou usando apenas uma versão simples de três níveis do Grande Ninho; se usarmos cinco níveis, haverá cinco planos de existência e cinco níveis de consciência correlatos, e assim por diante. Em meu esquema, já que frequentemente uso 7 a 9 níveis gerais de consciência, existem também 7 a 9 domínios ou planos gerais de realidade.)

Mas observe: você pode explicar essencialmente os mesmos pontos usando apenas os níveis de consciência (uma vez que *ser* e *conhecer* são dois lados dos mesmos níveis). Você pode dizer que a mente pode investigar o domínio intermediário ou pode simplesmente dizer que a mente pode investigar outras mentes. Você pode dizer que a mente pode investigar o domínio celestial ou pode simplesmente dizer que a mente pode investigar o nível sutil. Você está falando essencialmente a mesma coisa, desde que perceba que qualquer nível de individualidade (ou consciência) pode voltar sua atenção para qualquer nível de existência (ou plano de realidade). Em outras palavras, essas duas escalas independentes podem ser definidas como "o nível de consciência investiga planos de existência"; mas também podem ser definidas como "o nível de consciência

investiga outros níveis de consciência", uma vez que entendamos as correlações envolvidas.

Geralmente, costumo usar a última formulação simplesmente porque, como disse, ela evita as especulações ontológicas e metafísicas que a modernidade, com razão, considera tão questionáveis. A filosofia pré-moderna era descaradamente metafísica (isto é, assumia sem problema a existência ontológica de todos os vários planos, níveis e domínios de realidade transcendental); por outro lado, a filosofia moderna foi basicamente crítica (investigou as estruturas do sujeito de pensamento e questionou o status ontológico dos objetos de pensamento); assim, a modernidade trouxe uma atitude crítica muito necessária para lidar com o tópico (ainda que ela tenha exagerado em seu zelo crítico e às vezes tenha apagado todos os objetos de conhecimento, com exceção dos objetos empíricos e sensório-motores).

Um problema deformador das tradições perenes (e das abordagens meramente metafísicas) é que elas tendem a discutir os níveis (planos ou eixos) ontológicos como se fossem pré-dados, independentes do observador desses domínios, negligenciando assim a quantidade substancial de pesquisas modernas e pós-modernas que mostram que *backgrounds* culturais e estruturas sociais moldam profundamente as percepções em todos os domínios (ou seja, a filosofia perene não diferenciou suficientemente os quatro quadrantes). Por todas essas razões, simplesmente falar sobre "planos" como realidades ontológicas completamente independentes é extremamente problemático – mais uma razão pela qual tendo a enfatizar as facetas epistemológicas sobre as meramente ontológicas.

Esclarecimentos Adicionais

Em um artigo de 1983 no *The American Theosophist*, você chamou sua abordagem de "Filosofia Neoperene", para distingui-la das versões antimodernas e antievolucionárias. Você ainda mantém esse artigo?

Sim, ainda mantenho esse artigo. Na verdade, se você o analisar, ele defende especificamente apenas UM item da filosofia perene, a saber: a existência da Essência atemporal, adimensional, informe ou Espírito inqualificável como tal. O artigo em si é, portanto, uma rejeição radical de praticamente tudo o que a filosofia perene afirmou. O título dele é uma crítica irônica: você não pode ter uma nova versão daquilo que afirma ser imutável!

No entanto, isso não significa que todas as conclusões da filosofia perene sejam necessariamente inválidas; significa apenas que elas devem ser reavaliadas para incluir uma perspectiva moderna e pós-moderna, e reconstruídas à luz da própria evolução e desenvolvimento contínuos do Espírito. Esse foi o ponto principal desse artigo e marcou minha ruptura com a filosofia perene como tal. (Esse artigo está incluído no capítulo 2 de *O Olho do Espírito*).

Isso significa que, entre 1977 (com seu primeiro livro) e 1983, você abraçou uma versão da filosofia perene e, então, parou de fazê-lo?

Sim, essa conclusão está basicamente certa. Mas existem vários pontos aqui que precisam ser tratados separadamente.

O primeiro é a questão da própria filosofia perene em si: é verdade que existe um conjunto de doutrinas, ideias e práticas que são essencialmente as mesmas em todas as grandes tradições de sabedoria ou religiões do mundo? Essa é uma proposição muito difícil de demonstrar, obviamente. No entanto, acredito que haja um punhado de princípios espirituais que podem, de fato, ser encontrados na maioria das grandes religiões do mundo. No entanto, eles não são "perenes", pois, geralmente, aparecem apenas nas tradições espirituais que se originaram por volta de 500 a.C. E, além disso, esses *insights* espirituais originais mostram um grande crescimento e evolução (como tento indicar no artigo que você menciona).

Portanto, uma coisa é dizer: existem algumas ideias espirituais extremamente importantes encontradas nas várias tradições de sabedoria. E outra coisa é dizer: há um grupo de ideias espirituais que podem ser encontradas em todas as tradições de sabedoria e que são essencialmente idênticas em todas elas. Eu definitivamente acredito na primeira afirmação; mas acho que a segunda afirmação é muito menos precisa, embora ache que alguns itens gerais podem ser extraídos, se formos cuidadosos (Huston Smith faz um excelente trabalho sobre isso em *Forgotten Truth*, principalmente porque ele apresenta suas conclusões de forma extremamente genérica e abstrata).

E sim, eu costumava ser um subscritor descarado do conceito de uma filosofia perene (até, como você diz, por volta de 1983 ou algo assim – quase vinte anos atrás). Fui criado e educado no Ocidente moderno e em sua crença desenfreada em *flatland*, onde nenhum nível de consciência superior ao egoico-racional (ou centáurico) é sequer

admitido. E, então, surgiu para mim, como uma revelação surpreendente, que, em primeiro lugar, existem níveis de consciência mais elevados do que o egoico-racional e, em segundo lugar, que muitas culturas pré-modernas reconheceram esses estados e estágios de consciência superiores. Na verdade, alguns dos grandes gênios das culturas pré-modernas forneceram mapas sofisticados desses estados e estágios de desenvolvimento da consciência mais elevados (pelo menos como eles apareciam naquela época). O melhor desses mapas baseou-se em investigação experiencial e fenomenológica direta – isto é, eles se sustentam em ciência boa e profunda (Plotino, por exemplo), razão pela qual ainda são relevantes e úteis no mundo de hoje (mesmo que as características superficiais tenham mudado consideravelmente e precisem ser reconstruídas no formato AQAL – "todos os quadrantes, todos os níveis").

Mas todas essas investigações pré-modernas foram feitas em um contexto cultural que era totalmente mítico em suas características gerais, e esse pano de fundo cultural inevitavelmente matizou as interpretações, mapas e metodologias até mesmo dos maiores sábios e filósofos dessas eras. E os filósofos menos sofisticados ficaram ainda mais imersos em suposições mitológicas – ou suposições baseadas, não em evidências e experiências diretas, mas apenas em especulações e implicações ontológicas.

Por exemplo, vimos (no Apêndice 1) que as tradições frequentemente concebiam os planos de realidade como sendo o terrestre, o intermediário, o celestial e o infinito. Em geral, acreditava-se que eram territórios reais existentes "lá fora", povoados por seres míticos andando por aí, conversando e tendo experiências em um tipo diferente de território genuíno e concreto. Os "seis reinos de existência" do Budismo, por exemplo, são claramente dessa natureza. Diz-se que são lugares reais habitados por fantasmas famintos, titãs, animais, semideuses, anjos, etc.

Ora, quando os professores budistas modernos olham para esses seis reinos, quase sempre os interpretam como realmente se referindo a seis principais estados psicológicos que os humanos podem experienciar. Trungpa Rinpoche faz isso, por exemplo, em seus muitos livros. Ele diz que o reino dos fantasmas famintos, na verdade, significa estados psicológicos de ciúme e inveja. O reino dos titãs significa de fato estados de inflação egoica e narcisismo. O reino dos deuses significa realmente estados de êxtase meditativo e assim por diante.

Bem, isso é exatamente uma mudança do metafísico para o crítico – uma mudança na postulação desses reinos como realidades ontológicas separadas que podem ser conhecidas apenas por especulação, para considerar esses reinos como realmente sendo estruturas do sujeito observador – isto é, como sendo estados psicológicos de ser que podem ser conhecidos e vivenciados diretamente por uma alteração de consciência – e, portanto, diretamente investigados por uma ciência fenomenológica (ou ciência profunda) de introspecção compartilhada e confirmados por uma ciência reconstrutiva daqueles que demonstraram competência nessas mudanças de consciência.

Assim, alguns dos principais princípios ou ideias das grandes tradições de sabedoria podem continuar sendo, em geral, válidos, mas somente se forem reconstruídos ao longo de linhas modernas e pós-modernas, assim como Trungpa e tantos outros sofisticados professores da atualidade (no Cristianismo, Judaísmo, Hinduísmo, etc.) já

vêm fazendo.[15] Meu trabalho está simplesmente dando uma base filosófica e metodológica para isso – passar de uma espiritualidade metafísica para uma espiritualidade crítica, pós-metafísica e mais integral.

É por isso que contesto, respeitosa, mas firmemente, os teorizadores que resumem meu trabalho como uma versão moderna ou pós-moderna da filosofia perene. Eu entendo por que o fazem, especialmente se eles dão uma apresentação histórica das minhas ideias, mas ao fazê-lo, perdem a grande mudança que marcou a fase 3 e especialmente a fase 4 da minha obra (ou seja, todos os livros publicados depois do artigo de 1983 e, em especial, todos os livros após *Sexo, Ecologia, Espiritualidade*) – perdem a transformação radical da metafísica para a pós-metafísica. Apresentar meu trabalho maduro simplesmente como uma versão atualizada da filosofia perene garante que ele terá a recepção que Meister Hans-Willi lhe dá.

Em seu trabalho inicial (especialmente em *O Projeto Atman*, 1980), você escreveu: "A involução, ou o envolvimento do superior no inferior, é a pré-condição da evolução, ou o desdobramento dos estados superiores a partir dos inferiores", sugerindo que os estágios evolutivos futuros não seguem um caminho aleatório, mas espelham os passos do Kosmos estratificado. Este é, definitivamente, um ponto de vista metafísico, não é?

Não no sentido técnico, não. Seria metafísico se fosse postulado *a priori* como uma realidade conhecida apenas por especulação, não por experiência direta. Mas a existência de estados superiores de consciência pode ser conhecida diretamente e, portanto, a diferença entre os estados superiores e os estados inferiores – uma diferença conhecida como "involução" – pode ser observada com base em experiência e evidência fenomenológica direta. A involução nesses termos é, portanto, uma conclusão pós-metafísica baseada em experiência direta, não um postulado metafísico baseado em especulação mental.

Mas observe: os estados e estágios superiores de desenvolvimento da consciência são experienciados diretamente (e, portanto, a diferença entre superior e inferior pode ser imediatamente compreendida com base em evidências ou dados fenomenológicos). Porém, a ideia de que todos os estágios específicos estão envolvidos em um processo de involução não é experienciada diretamente, nem pode ser legitimamente inferida pelo intelecto reflexivo com base em evidências. Tudo o que é requerido pela ciência profunda de evidência contemplativa é que um gradiente de transcendência potencial

---

[15] Importantes professores espirituais da atualidade, como Trungpa, intuitivamente mudaram do metafísico para o crítico – mas o mesmo aconteceu com muitos dos primeiros professores budistas, simplesmente porque, como observado anteriormente, a grande mudança do metafísico para o crítico já havia sido feita pelo gênio budista Nagarjuna por volta de 200 d.C. (e seguido pelo grande Shankara no Vedanta). É por isso que grande parte da obra desses grandes gênios – e de outros que seguiram caminhos críticos semelhantes, como Plotino – ainda nos toca (ou pelo menos pode tocar) hoje, já que todos eles haviam assumido a virada crítica e pós-moderna já em tempos pré-modernos. Daí por que tentei incorporar muito de suas obras em meu próprio sistema (reconstruindo-as ao longo das linhas AQAL). Como sugeri anteriormente, muitos dos grandes sábios pré-modernos já faziam ciência boa e profunda das ondas superiores do desenvolvimento da consciência; por isso é importante sempre manter contato com esses pioneiros.

seja pré-dado. Esta é a "estratificação" pré-dada que você menciona; mas para que a evolução ocorra, não é necessário que todas as etapas precisas sejam explicitamente incluídas nessa estratificação – somente o gradiente é necessário – o que eu anteriormente chamei de campo morfogenético.

Deixe-me dar um exemplo bem simplista: para descer uma montanha, é necessário primeiro subir. Mas o caminho de subida da montanha – as etapas ou estágios exatos – pode não ser igual ao caminho de descida da montanha. Mas uma coisa é a mesma: a altura da montanha não muda em qualquer um dos caminhos; assim, se da base ao topo da montanha há, digamos, 10.000 metros, então essa é a mesma distância do topo à base. Ora, você pode acabar descendo a montanha por um caminho muito irregular, de modo que, ao final da descida, terá caminhado, digamos, 17.000 metros. Porém, você ainda desceu apenas 10.000 metros.

Acontece o mesmo com a involução e a evolução. Quando o Espírito se lança para fora para criar o mundo manifesto (começando com o *Big Bang* do nível material), tudo o que é dado é o gradiente de 10.000 metros, o que cria um vasto potencial que atrairá para baixo todos os objetos colocados no topo da montanha. Essa atração é chamada de Eros. É claro que neste exemplo as direções estão invertidas: normalmente falamos de Eros e evolução como uma Ascensão, mas como a gravidade (representando o Espírito) atua em nós para baixo, então, neste exemplo, subir a montanha é involução e descer a montanha é evolução. O Espírito cria a montanha, coloca-nos no topo dela, nos dá um empurrão (o *Big Bang*) e, então, a gravidade (ou Eros espiritual) faz o resto, embora haja inúmeros caminhos diferentes para descer a montanha, com todos tipos de altos e baixos, espirais, regressões e assim por diante.

Quando falo em "níveis de realidade" ou "níveis de consciência" ou "estágios de desenvolvimento", o que basicamente quero dizer é: a que distância do topo da montanha se encontra uma pessoa em determinado momento? Assim, podemos por conveniência dividir o caminho do topo à base da montanha em dez etapas, cada uma das quais marcada por uma descida de 1.000 metros. Portanto, dizer que uma pessoa está no "estágio 4" significa simplesmente que ela está a 4.000 metros do topo da montanha – mas isso não nos diz exatamente como ela chegou a 4.000 metros. Para algumas pessoas, será uma descida direta e constante. Outros descerão para 3.000 metros, depois voltarão para 2.000 metros e depois atingirão 4.000 metros. Ainda podemos nos referir a dez estágios como marcadores perfeitamente reais de descida da montanha porque cada estágio simplesmente significa que outros 1.000 metros de descida anterior ocorreram, seja lá como for. Portanto, também podemos dizer que todo mundo que desce a montanha passa por dez estágios reais. A "estrutura profunda" de cada estágio significa simplesmente a profundidade de descida naquele estágio, de modo que se você estiver no estágio 7, significa que você está a 7.000 metros do topo da montanha, e todos que estiverem no estágio 7 também estarão a 7.000 metros do topo (independentemente de como eles chegaram lá), e isso é universalmente verdadeiro para todos – mas a jornada de cada pessoa terá características únicas (e estas irão variar de cultura para cultura e de pessoa para pessoa). E nenhuma dessas etapas foi colocada lá na involução.[16]

---

[16] Tudo o que foi colocado lá é o gradiente de 10.000 metros – este gradiente ou campo morfogenético é a capacidade de auto-organização do Kosmos, também chamada de Eros.

Agora, aqui está o ponto fundamental: na versão metafísica da involução, a própria montanha é criada e já é pré-dada. Todos os seus contornos e detalhes já foram criados e existem totalmente (embora estejam ocultos ou encobertos). Somos colocados no topo da montanha e, ao descermos, simplesmente encontramos itens na montanha que já foram criados e envolvidos pelo Espírito. Na versão pós-metafísica, entretanto, tudo o que é dado é o gradiente potencial de 10.000 metros. A montanha em si não é dada; ao invés, a montanha e suas características são cocriadas à medida que a consciência, como um todo, desce o gradiente de 10.000 metros, e é cocriada por interações em todos os quatro quadrantes.

Na versão pós-metafísica, ainda existem universais, e como sugerido anteriormente, eles são de dois tipos principais: (1) à medida que a consciência em geral desce o gradiente de 10.000 metros de potencial transcendental, a montanha e suas características são cocriadas por fatores em todos os quatro quadrantes e, uma vez que tomam forma, tornam-se hábitos kósmicos; doravante, todos os indivíduos começando no topo da montanha terão que negociar essas características já existentes (tais como, para os seres humanos que vivem hoje: átomos, moléculas, células, organismos – e, psicologicamente, os estágios bege, roxo, vermelho, azul, laranja, etc. – todos esses agora são hábitos kósmicos que formam os estágios iniciais de todo o desenvolvimento subsequente). E mais, (2) alguns indivíduos podem "se adiantar montanha abaixo" e experienciar, digamos, uma profundidade de 8.000 metros, embora a humanidade como um todo não esteja a mais do que, digamos, 3.000 metros. Mesmo que um sábio avançado "se adiante montanha abaixo", ele ou ela experienciará essa maior profundidade apenas em termos de seus próprios quatro quadrantes. Mas isso ainda admite a realidade pré-dada de todos os dez estágios de descida – todos os dez estágios estão totalmente presentes e totalmente disponíveis, porque os 10.000 metros são totalmente pré-dados.[17] Mas nenhuma de suas características superficiais está preenchida, para indivíduos ou coletivos; além disso, não sabemos o caminho exato que os estágios futuros de evolução realmente tomarão para um indivíduo ou para o coletivo. Talvez a descida de 6.000 metros para 7.000 metros – para um indivíduo em particular ou para a humanidade como um todo – seja direta e fácil; talvez envolva regressões e espirais cataclísmicas. Tudo o que podemos dizer é que esses potenciais estágios existem como um gradiente de potencial transcendental (ou seja, o campo morfogenético representado pela atração

---

[17] No meu sistema, esses domínios pré-dados para humanos são representados basicamente pelos quatro (ou cinco) grandes estados de consciência: vigília (domínio denso), sonho (domínio sutil), sono profundo (domínio causal), Testemunha transcendente (*turiya* ou o quarto estado), e a sempre presente quididade Não Dual (*turiyatita* ou o quinto e derradeiro estado). Essas realidades pré-dadas representam, por assim dizer, 2.000 metros do topo, 4.000 metros do topo, 6.000 metros do topo, 8.000 metros do topo e 10.000 metros do topo ou totalmente iluminado. O ponto é que essas realidades podem ser experienciadas porque elas têm potenciais que estão sempre presentes; entretanto, à medida que esses estados são convertidos em características ou estágios permanentes, eles são preenchidos por realidades em todos os quatro quadrantes. Nada disso, no entanto, é especulação metafísica, e sim análise reflexiva sobre experiências diretas.

Para mais aspectos dessas ideias, ver a discussão sobre realidades passadas (ou hábitos kósmicos) e potenciais futuros em *Sexo, Ecologia, Espiritualidade* (nota 17 do capítulo 14 – "Fatos Passados e Potenciais Futuros"). Ver também a discussão da relação de estágios, que devem se desdobrar em realidade, e de estados, que são pré-dados, em "Ondas, Correntes, Estados e o Eu – Um Resumo de Meu Modelo Psicológico", postado em www.ariraynsford.com.br (ver especialmente a nota 24).

geral da gravidade ou pelo Eros espiritual – ou, simplesmente, a capacidade dos sistemas de se auto-organizarem, se você preferir ser mais agnóstico), mas não podemos dizer nada sobre a forma e os contornos reais até que eles se desenvolvam.[18]

Discuto esta versão pós-metafísica da involução mais completamente na Introdução ao Volume 2 de *Collected Works*, que é apresentada no Apêndice 2 ("A Natureza da Involução").

Se o Espírito é a única coisa que você reteve da filosofia perene, como é sua visão do Kosmos?

Não, eu não disse que o Espírito seja a única coisa que deve ser retida da filosofia perene. Eu disse que devemos reter apenas aqueles princípios que são compatíveis com uma ciência boa e profunda e que possam ser confirmados por uma ciência reconstrutiva daqueles que demonstraram competência nas ondas de desenvolvimento pós-racionais. Acontece que muitos dos grandes sábios pré-modernos já estavam fazendo isso – eles já haviam atingido o ponto de mutação crítico, como tenho ressaltado: Nagarjuna, Plotino, Shankara, al Hallaj, Santa Teresa, Eckhart e assim por diante. Portanto, vários de seus princípios, ideias, práticas e conclusões são baseados em exemplares, injunções, dados e evidências experienciais diretas, e em procedimentos de confirmação/rejeição; desse modo, esses princípios possivelmente ainda são verdadeiros hoje (mesmo que seus detalhes precisem ser atualizado para o mundo pós-moderno). Na verdade, muitas formas de espiritualidade contemplativa e meditativa já seguem essas diretrizes e, assim, provavelmente ainda são válidas – mas o ponto é que, em qualquer caso, estão abertas a mais testes críticos; e se passarem nesses testes, poderão e deverão ser mantidas.[19] É por isso que, às vezes, ainda faço referência à filosofia perene (como em *A União da Alma e dos Sentidos*), não procurando aceitar acriticamente o argumento de autoridade, mas apenas na medida em que seus princípios podem (ou poderiam ser) reconstruídos em termos de boa ciência profunda e ciência reconstrutiva.[20]

---

[18] Mais alguns pontos para qualificar este exemplo simplista: na realidade, não há base para a montanha (ou seja, não há nível final de Eros ascendente) – o nível "mais elevado" é simplesmente a Vacuidade informe, que não é propriamente um nível entre outros níveis, mas o fundamento que está totalmente presente em todos os níveis como a quididade ou essência do ser desse nível. Em outras palavras, a evolução no domínio manifesto é potencialmente interminável. A iluminação não é alcançar o nível mais elevado, mas sim, a essência de todos os níveis; entretanto, paradoxalmente, ela ocorre somente nos níveis de desenvolvimento mais elevados. Ver o final do capítulo 8 de *Sexo, Ecologia, Espiritualidade* para uma discussão dessa ideia. Ver também a nota 4 anterior.

[19] Algum pensamento metafísico (ou metateórico) é inevitável em qualquer sistema de pensamento complexo, incluindo o científico, porque os princípios fundamentais são sempre suposições sem evidências (razão pela qual nem todas as proposições científicas estão abertas ao princípio da falseabilidade [ver *Uma Teoria de Tudo*, capítulo 4]). O ponto é simplesmente que, quando me envolvo em pensamento metafísico inevitável, amarro o máximo possível de minhas construções metafísicas à teia de evidências empíricas e fenomenológicas disponíveis.

[20] Além disso, a filosofia perene precisa passar em quaisquer testes que possamos sugerir para estética crítica e moralidade crítica. Lembre-se de que, nesta resposta, estou me concentrando apenas nos aspectos científicos dos domínios mais elevados, não na estética e na moral dos domínios mais elevados, que não podem ser reduzidas a procedimentos científicos. Cada nível mais elevado tem dimensões *eu*, *nós* e *isto* – arte, moral e ciência – e estou me referindo apenas

Porém, quando qualquer esforço contemplativo se afasta de suas experiências diretas e de sua base empírica e fenomenológica, e resvala de volta para especulações metafísicas pré-modernas (que na verdade representam níveis de desenvolvimento mais baixos e são regressivas em seus pronunciamentos), essas especulações precisam encontrar uma atitude severamente crítica. Por exemplo, sempre que um monge cristão se afasta de experiências contemplativas diretas de amor transpessoal e anuncia que somente se você aceitar Jesus como seu salvador poderá ter essa experiência, então essa afirmação deverá passar no teste da boa e ampla ciência e, claro, falhará miseravelmente, porque essa afirmação é um mito, uma afirmação metafísica sem evidências. Por outro lado, uma experiência fenomenológica da consciência de Cristo pode representar, digamos, uma experiência a 8.000 metros do topo da montanha – uma experiência muito "elevada" de um domínio sutil – mas se for interpretada meramente nos termos do nível de consciência mítico – cerca de 3.000 metros do topo da montanha – então uma experiência pós-racional de um estado superior muito real estará sendo (mal) interpretada em termos de um estado pré-moderno, pré-racional, e é isso que faz com que a modernidade negue totalmente a existência de domínios mais profundos ou mais elevados do que o egoico-racional.

Mas observe: mesmo se incluirmos todos esses princípios, práticas e conclusões reconstruídos a partir das tradições de sabedoria do mundo, ainda não descobriremos nenhum dos estágios do domínio intersubjetivo (o Quadrante Inferior Esquerdo), porque esses estágios não aparecem em nenhuma investigação fenomenológica (eles são desvelados apenas por abordagens intersubjetivas, desenvolvimentista-estruturalistas, que foram descobertas somente algumas décadas atrás). Explico esse ponto crucial em "Ondas, Correntes, Estados e o Eu – Um Resumo de Meu Modelo Psicológico", postado em www.ariraynsford.com.br. Além disso, a filosofia perene não tinha acesso aos dados científicos modernos sobre o Quadrante Superior Direito (neurofisiologia do cérebro, neurotransmissores, etc.). Nem tinha qualquer compreensão dos estágios e da natureza detalhada do Quadrante Inferior Direito (modos de produção tecnoeconômicos, a história dos sistemas sociais, etc.).

Em outras palavras, mesmo uma filosofia perene atualizada é uma visão de mundo gravemente limitada. E o que a filosofia perene fez com as limitações e lacunas em sua visão de mundo foi preencher esse vazio de compreensão com afirmações metafísicas. Esse é o verdadeiro problema.

Então, se você nega todos esses aspectos metafísicos, qual *é* a sua ontologia?

Bem, como eu disse, acredito que todos os dez níveis de consciência da realidade são reais (os 10.000 metros são pré-dados, mas interminavelmente abertos);[21] algumas dessas ondas já emergiram e se estabilizaram como hábitos kósmicos – isto é, como hólons estáveis que se tornaram os constituintes fundamentais do Mundo (tais como, no

---

às ciências amplas e restritas dos domínios superiores, não à estética e à moral dos domínios superiores. Sempre tem alguém que não percebe isto e depois me acusa de positivismo...

[21] Como eu disse, os 10.000 metros podem ser divididos e subdivididos de várias maneiras legítimas; estou usando "dez níveis" por conveniência. Outros mapas podem ter 20 níveis de 500 metros cada, e assim por diante. Todos eles são reais se puderem ser confirmados por uma ciência reconstrutiva daqueles que já efetuaram a descida.

Lado Direito: quarks, átomos, moléculas, células, organismos, etc.; e no Lado Esquerdo: preensão, sensação, percepção, imagens, símbolos, conceitos, opcon, opform, visão-lógica, que agora estão disponíveis como estágios gerais do desenvolvimento humano, até onde a ciência reconstrutiva consegue dizer neste momento).[22] O diagrama dos "quatro quadrantes" que frequentemente apresento é uma representação simples de algumas das realidades ontológicas, ou hólons, que existem até agora (todos eles existem independentemente de qualquer mente humana em particular, embora alguns dos hólons intermediários e superiores não existam independentemente das mentes humanas em geral). Além disso, os níveis mais elevados, que ainda não emergiram amplamente, estão presentes como potenciais reais, e todo ser humano tem acesso a eles através de estados alterados que atingem esses importantes domínios. Esses níveis/domínios são realidades e podem emergir de modo estável como estágios de desenvolvimento para qualquer pessoa que deseje avançar na humanidade e descer ainda mais a montanha do potencial transcendental. Involução e evolução são reais. E assim por diante... Esta é uma "ontologia" bem ampla, por assim dizer, mas uma ontologia que, em última análise, não está divorciada de nenhuma forma de consciência.

É interessante que um filósofo holandês, J.J. Poortman, que morreu em 1970, tinha uma filosofia que chamou de "subjetividade dupla" ou "realismo dentro do idealismo". Ele concordava com os místicos que, em última análise, tudo existia na consciência do Eu ("não há nada fora de Deus"), mas para nós, eus individuais, existe uma VASTA realidade ao nosso redor, tanto em seus aspectos visíveis quanto invisíveis. Paradoxalmente, esta filosofia mística conduz a uma firme sustentação da investigação científica, em todos os seus aspectos (físico, parapsicológico, místico).

Sim, em geral concordo com essa visão. O ponto importante é que nada existe fora da consciência do Eu, mas para os eus individuais muito dessa realidade permanece inconsciente (ou permanece como um mero potencial); PORÉM, a consciência do indivíduo e a consciência do Eu existem ao longo de um único espectro, e os eus individuais podem desenvolver uma consciência do Eu transcendental e, assim, experienciá-la diretamente. Mas essa é uma proposição crítica, não metafísica, e pode ser testada por uma boa e ampla ciência, e, em seguida, confirmada por uma ciência reconstrutiva por aqueles que demonstraram competência no desenvolvimento pós-racional. No entanto, muitas das realidades ontológicas que mencionei na resposta anterior existem fora de qualquer mente individual em qualquer momento dado, razão pela qual "domínios quase independentes da realidade" devem ser preservados em uma filosofia e espiritualidade pós-metafísica. A principal diferença é que SOMENTE postulo a existência dos domínios que podem ser acessados por uma consciência humana desenvolvida até aquele ponto (isto é, domínios cuja existência está ligada tão intimamente quanto possível a algum grau de experiência e evidência direta em todos os estágios de desenvolvimento de consciência conhecidos).

Uma vez que, em seus escritos recentes, você continua se referindo aos três estados de vigília, sonho e sono profundo como fundamentais: muitas pessoas ficam

---

[22] É claro que estou usando para o desenvolvimento humano os estágios da Dinâmica da Espiral como um simples exemplo dos hólons interiores até o nível médio de desenvolvimento esperado (centauro, turquesa). Ver *Psicologia Integral* para uma discussão mais completa das ondas e correntes de desenvolvimento.

intrigadas com o fato de que, de acordo com as tradições, o sonho (sutil) e o sono profundo (causal) estão de alguma forma relacionados a estados de ser mais espirituais, ao contrário da experiência de que eles normalmente levam a mais inconsciência – o sono profundo sendo o estado final de inconsciência. Você pode esclarecer isso?

O que encontramos nas tradições contemplativas é que os três grandes domínios da existência – em geral chamados de denso, sutil e causal – estão ligados a três principais estados de consciência – vigília, sonho e sono profundo. Isto é consistente com a virada crítica que a maioria das tradições contemplativas deu há cerca de 1.500 anos (ou seja, não é postulada a existência de nenhum domínio de ser que não possa ser acessado por algum tipo de consciência).

Ora, para o eu médio ou típico, apenas o estado de vigília é experienciado conscientemente. Os outros dois estados – sonho e sono profundo – são de fato "menos conscientes" ou até mesmo "inconscientes". Isto também significa que o eu típico tem acesso apenas ao domínio denso da realidade material. Este estado convencional é usualmente classificado como "ignorância", porque o eu médio ignora os domínios e estados mais profundos ou mais elevados.

No entanto, se o eu continua seu crescimento e desenvolvimento, então sua consciência se torna cada vez mais forte, por assim dizer, e finalmente o eu consegue entrar no estado de sonho e permanecer consciente durante todo o sonho. Isto frequentemente é chamado de "sonho lúcido". Um eu que tem sonhos lúcidos não "desmaia" na transição da vigília para o sonho; permanece acordado em ambos os estados – e, portanto, esse eu acessa não só o domínio denso da realidade material, como também tem acesso direto aos estados sutis que são criados apenas pela mente (e, assim, esse eu pode investigar o funcionamento interno de sua mente mais completamente do que uma pessoa que desmaia durante os estados sutis).

Se o crescimento e o desenvolvimento da consciência continuarem ainda mais, a pessoa pode permanecer sutilmente acordada mesmo durante um sono profundo sem sonhos. Na verdade, agora temos evidências substanciais de eletroencefalografia de que isso pode ocorrer (o que é um excelente exemplo de como podemos combinar uma boa ciência profunda com uma boa ciência restrita para oferecer evidências convincentes da existência desses estados mais elevados).[23] Neste caso, a pessoa consegue permanecer consciente nos estados de vigília, sonho e sono profundo, e isso lhe dá acesso a tipos de experiências que se apresentam como mais significativas, mais reais e mais valiosas do que as dos estados confinados apenas ao domínio denso.

Como você sabe se isso é verdade? Como você sabe que esses estados mais profundos parecem "mais reais" e "mais valiosos"? Bem, você acessa a ciência ampla da contemplação e verifica por si mesmo. Se você não executar esse experimento científico, então é claro que não somos obrigados a ouvir sua opinião a respeito, visto que sua opinião nesse ponto é mera metafísica, ou pensamento divorciado da experiência e de evidências reais. A afirmação de que somente o domínio denso de vigília é real é uma afirmação metafísica que qualquer pensamento pós-metafísico genuíno deve rejeitar.

---

[23] Ver *One Taste* para exemplos dessa constatação.

Assim, os místicos afirmam que esses estados mais profundos de sonho e sono, se acessados conscientemente, nos fornecem ferramentas epistemológicas que nos mostram dimensões e domínios de realidade que são "invisíveis" para o eu médio que vive na ignorância. De acordo com esses investigadores, os domínios/níveis mais profundos de realidade – o sutil e o causal – nos proporcionam as ferramentas epistemológicas ou modos de conhecer que revelam melhor as realidades da alma e do espírito. No meu exemplo, se o eu médio da ignorância está a, digamos, 2.000 metros do topo da montanha, então o domínio dos sonhos conscientes está a 5.000 metros e o estado de sono profundo consciente, a 9.000 metros. Há um quarto estado, é claro – chamado de "turiya" – que representa o Eu totalmente consciente que é capaz de testemunhar (ou permanecer acordado) através de todos os três estados principais, e cuja realização é geralmente considerada iluminação (ou 10.000 metros abaixo do topo – no qual você percebe que a montanha inteira e todos os seus níveis são, na verdade, o Espírito, e que, no mundo manifesto, a montanha continua seguindo sempre para baixo: a evolução é interminável, mas você é um com seu Fundamento atemporal).[24]

Espero que meus comentários ajudem a esclarecer essas questões difíceis. O que é tão empolgante para mim é que nós, que vivemos hoje, temos uma oportunidade extraordinária de aproveitar o melhor das abordagens pré-modernas, modernas e pós-modernas da realidade e incluir todas elas em uma abordagem verdadeiramente integral que honre e considere o melhor de cada uma. Este não é apenas um movimento generoso de nossa parte; ele nos proporciona a melhor chance de abrir nossos corações, mentes e almas para os incríveis tesouros que o Espírito conferiu tão livremente a este Kosmos radiante.

Obrigado a todos por participarem desta discussão. E Hans-Willi: por favor, cuide-se, meu amigo.

---

[24] Claro, essa realização é na verdade o "quinto" estado (*turiyatita*) ou o sempre presente Sabor Único não dual. Ver nota 14.

Apêndice 2: A Natureza da Involução

Tanto *O Projeto Atman* quanto *Éden: Queda ou Ascensão?* discutem longamente a evolução, com um breve, mas importante, resumo da involução. De acordo com a filosofia perene – o núcleo comum das grandes tradições de sabedoria do mundo – o Espírito manifesta um universo "transbordando" ou "esvaziando-se" para criar alma, que se condensa em mente, que se condensa em corpo, que se condensa em matéria, a forma mais densa de todas. (Na analogia da montanha que acabei de apresentar, "alma" não é uma substância ou estrutura pré-dada, mas o potencial de descida até 8.000 metros; mente é o potencial de descida até 5.000 metros; corpo, até 2.000 metros; e a matéria é o topo da montanha, com zero metro de descida, ponto de partida para o retorno ao espírito a 10.000 metros "abaixo". A questão é que esses "níveis" são simplesmente níveis do gradiente potencial exercido pela gravidade ou Eros espiritual, e não estruturas ou realidades completamente independentes dadas.)

Cada um desses níveis ainda é um nível de Espírito, mas uma versão reduzida ou "um degrau abaixo" do Espírito. No final desse processo de involução, todas as dimensões superiores são envolvidas, como potencial, no domínio material inferior. E uma vez que o mundo material passa a existir (com, digamos, o *Big Bang*), então o processo inverso – ou evolução – pode ocorrer, movendo-se da matéria para corpos vivos para mentes simbólicas para almas luminosas para o próprio Espírito puro. Nesse desdobramento evolucionário ou do desenvolvimento, cada nível sucessivo não descarta ou nega o nível anterior, mas o inclui e o envolve, assim como os átomos estão incluídos nas moléculas, que estão incluídas nas células, que estão incluídas nos organismos. Cada nível é um todo que também faz parte de um todo maior (cada nível ou estrutura é um todo/parte ou hólon). Em outras palavras, cada desdobramento evolucionário transcende, mas inclui seu(s) predecessor(es), com o Espírito transcendendo e incluindo absolutamente tudo.

Esse arranjo – o Espírito transcende, mas inclui a alma, que transcende, mas inclui a mente, que transcende, mas inclui o corpo, que transcende, mas inclui a matéria – é geralmente conhecido como a Grande Cadeia do Ser, um nome claramente impróprio e infeliz. Cada nível sucessivo não é um elo, mas um ninho, que inclui, abraça e envolve seu(s) predecessor(es). A Grande Cadeia do Ser é realmente o Grande Ninho do Ser – não uma escada, corrente ou hierarquia unilateral, mas uma série de esferas concêntricas de crescente abraço holístico. O Grande Ninho do Ser é uma holarquia, composta de hólons, um desenvolvimento que é envolvimento. E considera-se que as características profundas desse desenvolvimento, pelo menos em alguns aspectos significativos, foram depositadas na involução.

Isso naturalmente levanta a uma espinhosa questão: visto que as principais dimensões da existência são estabelecidas na involução, a evolução é um curso de ação completamente determinado? Os níveis mais elevados (ou estruturas ou hólons ou estágios) são dados como Formas Platônicas, prontas para cair do céu a um sinal específico?

A maioria dos tradicionalistas – como Huston Smith, Fritjof Schuon e Ananda Coomaraswamy – responderia com um vigoroso "sim". Mas essa parte da "filosofia perene" é algo com a qual eu nunca poderia concordar (essa é uma das razões por que escrevi "A Filosofia Neoperene", substituindo seu princípio central de formas platônicas estáticas por um panenteísmo evolucionário). Como a maioria dos estruturalistas, os

tradicionalistas acreditavam em Formas a-históricas, completamente pré-dadas, intocadas pelo tempo, pela história ou pela evolução. Eu, por outro lado, acreditava que havia de fato um arco involucionário, mas tudo o que ele "predeterminava" eram alguns potenciais muito gerais para o desdobramento evolucionário (por exemplo, a atração da gravidade espiritual).

Dizer que matéria, corpo, mente, alma e Espírito são potenciais evolucionários é, ao mesmo tempo, dizer muito e não muito. Concordo com os tradicionalistas que esses domínios superiores de ser (ou estados superiores de consciência) são potenciais que nos estão disponíveis a qualquer momento em que consigamos abrir suficientemente nossos olhos. E a razão de eles estarem disponíveis em algum grau é a involução: todos esses potenciais foram disponibilizados durante o efluxo ou involução, quando o Espírito transbordou para criar os domínios da alma, mente, corpo e matéria, domínios que aguardam para ser redescobertos por todos os que consigam transcender o mais raso para encontrar o mais profundo.

Aqueles indivíduos, por exemplo, que vivenciam uma intensa experiência religiosa, *satori* ou iluminação, quase sempre relatam que estão simplesmente redescobrindo algo que outrora sabiam (na eternidade), mas esqueceram (no tempo). A experiência mística profunda sempre traz a sensação de "voltar para casa", e nunca a sensação de tropeçar em algo completamente desconhecido. Platão estava certo a esse respeito: esse tipo de conhecimento espiritual é uma lembrança, não uma invenção. E nos lembramos de nossos estados superiores porque eles já estão lá, como potenciais, aguardando uma redescoberta (redescoberta de algo que possuíamos, não na infância, mas nas profundezas do momento atemporal). Portanto, nesse sentido específico, precisamos absolutamente de um conceito de involução para sermos fiéis à evidência fenomenológica da experiência espiritual.

Porém, isso não significa que tudo sobre a evolução seja estabelecido na involução, de modo que a evolução nada mais é do que um rebobinamento de uma fita de vídeo, por assim dizer. No máximo, certas características profundas dos domínios principais são dadas pela involução como potenciais, mas todas as características superficiais são criadas, moldadas, modeladas e formadas por correntes históricas e forças evolucionárias. Nesse sentido, certas características profundas são lembradas, mas as características superficiais são aprendidas. E, como expliquei acima, acho que mesmo as características profundas dos hólons são parcialmente moldadas pelos poderes formativos do tempo. Digo "parcialmente" porque, se elas fossem totalmente formadas por pressões evolucionárias, ainda teríamos que dar conta da formação das próprias pressões evolucionárias, o que exigiria pelo menos algumas forças que não provieram da evolução. Em outras palavras, o Espírito não é, de forma alguma, uma máquina determinística, mas sim um Espírito organicamente lúdico, cujo esporte e brincadeira (*lila*) incluem o maravilhoso jogo da "surpresa" em todas as jogadas possíveis, minando o determinismo como toda criatividade faz.

Assim, eu penso na involução fazendo uma analogia com um elástico: estique-o, e você terá a involução, que fornece uma força (isto é, Eros) que irá puxar as duas pontas do elástico (matéria e espírito) de volta novamente – em outras palavras, uma força involucionária que gerará a evolução. Mas o verdadeiro caminho percorrido nesse retorno, e toda sua maravilhosa variedade, é uma cocriação de cada hólon e das correntes de Eros nas quais ele paira fluidamente.

Ora, claro que você é perfeitamente livre para acreditar na evolução e rejeitar o conceito de involução. Acho essa posição incoerente; no entanto, você ainda pode abraçar tudo nas páginas seguintes sobre a evolução da cultura e da consciência e rejeitar ou permanecer agnóstico quanto à involução. Mas a noção de uma força involucionária anterior ajuda muito com os enigmas, de outra forma impenetráveis, da evolução darwiniana, que tentou, sem sucesso, explicar por que diabos o pó ficou em pé e finalmente começou a escrever poesia. Mas o conceito de evolução como Eros, ou Espírito-em-ação, atuando, como disse Whitehead, em todo o mundo por gentil persuasão em direção ao amor, contribui muito para explicar o desdobramento inexorável da matéria aos corpos, às mentes, às almas, até o próprio Autorreconhecimento do Espírito. Eros, ou Espírito-em-ação, é um elástico em volta do seu pescoço e do meu, puxando todos nós de volta para casa.